

UNESP - Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências

ALINE APARECIDA SANTANA DA SILVA

GENERIFICAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:

Diálogos sobre masculinidades

BAURU - SP
2025

ALINE APARECIDA SANTANA DA SILVA

GENERIFICAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:

Diálogos sobre masculinidades

Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF do Instituto/Faculdade da Universidade Estadual Paulista - UNESP, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Área de Concentração: Educação Física Escolar

Orientadora: Andresa de Souza Ugaya

**BAURU - SP
2025**



ALINE APARECIDA SANTANA DA SILVA

GENERIFICAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:

Diálogos sobre masculinidades

Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF do Instituto/Faculdade da Universidade Estadual Paulista - UNESP, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Área de Concentração: Educação Física Escolar

Orientadora: Andresa de Souza Ugaya

Data da defesa: 03/06/2025

Membros componentes da Banca Examinadora:

Presidente e Orientadora: Andresa de Souza Ugaya – Doutor
UNESP – Bauru/SP

Membro Titular: Christiane Freitas Luna –
Doutora
UESB - JEQUIÉ

Membro Titular: Priscila Barbosa
Arantes

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências

S586g

Silva, Aline Aparecida Santana da

Generificação e educação física escolar : diálogos sobre masculinidades / Aline Aparecida Santana da Silva. -- Bauru, 2025

96 p. : il., tabs. + objeto educacional

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências, Bauru

Orientadora: Andresa de Souza Ugaya

1. Generificação. 2. Educação física escolar. 3. Masculinidades. 4. Gênero. I. Título.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Bauru



ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE ALINE APARECIDA SANTANA DA SILVA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 03 dias do mês de junho do ano de 2025, às 17h, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de ALINE APARECIDA SANTANA DA SILVA, intitulada **Generificação e Educação Física Escolar - Diálogos Sobre Masculinidades**, sob orientação da Profa. Dra. Andresa de Souza Ugaya. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. ANDRESA DE SOUZA UGAYA (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Educação Física / UNESP - Faculdade de Ciências - Bauru/SP, Profa. Dra. CHRISTIANE FREITAS LUNA (Participação Virtual) do(a) UESB JEQUIÉ, Profa. Dra. PRISCILA BARBOSA ARANTES (Participação Virtual) do(a) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC. Após a exposição pela mestrandia e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. ANDRESA DE SOUZA UGAYA



Documento assinado digitalmente
ANDRESA DE SOUZA UGAYA
Data: 30/07/2025 16:32:05-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>



Dedico esta pesquisa a todos que trabalham
pela qualidade da escola pública e periférica no
Brasil.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Maria Cristina, por me ensinar o verdadeiro valor da educação e da escola como meio de transformação social.

À minha avó, Marilene, por me mostrar que tudo que é nosso vem do nosso suor, não há outra forma de conquistar as coisas nessa vida.

À minha grande amiga e irmã, Keyla, pela parceria e torcida de sempre. Nossa amizade não tem fim.

A toda minha família que está comigo em todas as situações.

A todos os meus colegas de trabalho da Emef Jardim Damasceno I, em especial Cinthia, Juliana e Zodja, com elas a caminhada é mais leve. São 14 anos nessa unidade escolar, que se tornou minha casa.

Ao meu eterno diretor Duarte, minha diretora Diva e as minhas coordenadoras Andreia, Vanessa e Vivian, sou grata por acreditar no meu trabalho e valorizar os potenciais dos nossos estudantes.

À minha grande parceira, quase uma orientadora, Dayane Bezerra. Obrigada pela paciência e por me ensinar tanto.

À excelente orientadora Prof^a Dr^a Andresa Ugaya, que me deu condições para bater asas, fazer escolhas e valorizou tudo o que eu sou até aqui. Gratidão.

Aos membros da banca, Prof^a Dr^a Christiane Luna, Prof. Dr. Márcio Pereira, Prof. Dr. Roberto Muniz e Prof^a Dr^a Priscila Arantes. Obrigada pela

preciosa contribuição com meu trabalho e pela valorização do ensino da Educação Física na escola pública. Serei sempre grata.

Aos amigos e professores do PROEF - UNESP - Bauru - Turma 4, sou grata pelas viagens, risadas, perrengues e incentivos.

Ao Programa de Mestrado Profissional para Professores da Educação Básica (PROEB), da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pelo oferecimento do ProEF (Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional), que tornou possível a realização de um sonho.

Agora finalizo agradecendo a melhor parte de ser professora, todos meus alunos e alunas. Se um dia eu achei que ensinaria alguma coisa, me enganei completamente. As crianças e adolescentes que por mim passaram são oceanos de possibilidades, que eu mergulhei fundo, aprendi a ser um ser humano melhor, pois nem tudo é conhecimento científico. Obrigada por tanto.



“Uma mente que se abre a uma nova
ideia jamais voltará ao seu tamanho original”

Albert Einstein

RESUMO

O presente estudo, vinculado ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) da UNESP buscou ampliar o debate e desenvolvimento de práticas pedagógicas na Educação Física Escolar a partir de uma abordagem crítica sobre as construções sociais de gênero, com ênfase nas masculinidades. Apoiado na teoria da masculinidade hegemônica de Raewyn Connell, o trabalho identifica padrões e normas heteronormativas que sustentam o patriarcado e a dominação de determinados homens sobre mulheres e outros homens. Na Educação Física, tais normas influenciam diretamente a regulação dos corpos e a imposição de estereótipos de gênero, contribuindo para a exclusão ou autoexclusão de estudantes. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com base no método da pesquisa-ação, utilizando a técnica de grupo focal para a coleta de dados que resultou na produção de um recurso audiovisual, valorizando o protagonismo da turma participante. A análise de dados foi conduzida por meio da técnica de análise temática, conforme a proposta de Braun e Clarke (2006).

Palavras-chave: Generificação, Educação Física Escolar, Masculinidades

ABSTRACT

This study, linked to the Professional Master's Program in Physical Education in the National Network (PROEF) at UNESP, sought to broaden the debate and development of pedagogical practices in Physical Education at Schools through a critical approach to the social constructions of gender, with an emphasis on masculinities. Based on Raewyn Connell's theory of hegemonic masculinity, the study identifies heteronormative patterns and norms that sustain patriarchy and the domination of certain men over women and other men. In Physical Education, these norms directly influence the regulation of bodies and the imposition of gender stereotypes, contributing to the exclusion or self-exclusion of students. This qualitative study, based on the action research method, used the focus group technique for data collection, resulting in the production of an audiovisual resource that emphasizes the protagonism of the participating class. Data analysis was conducted using the thematic analysis technique, as proposed by Braun and Clarke (2006).

Keywords: Gendering, Physical Education at Schools, Masculinities

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Nuvem de palavras - Frases ditas aos meninos	52
Figura 2: Relações de poder na sociedade	57
Figura 3: Relações de poder no território em que a escola pertence	58
Figura 4 - Relações de poder na escola	61
Figura 5: Relações de poder nas aulas de Educação Física	62

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Escolha dos codinomes para identificação pessoal	42
Tabela 2: Atividade “A que modalidade eu pertencço?”	46

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
1. INTRODUÇÃO	16
2. OBJETIVO GERAL	18
2.1 Objetivos Específicos	18
3. REVISÃO DE LITERATURA	19
3.1 O Processo De Construção Da Generificação	19
3.2 Generificação E Educação Física No Contexto Escolar	21
3.3 Masculinidades, Sociedade E Educação Física Escolar	24
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	31
4.1 Método	31
4.2 Local Da Pesquisa	32
4.3 Público Participante	33
4.4 Instrumentos E Procedimentos De Levantamento De Dados	34
4.4.1 Grupo Focal	34
4.4.2 Procedimentos	37
4.4.3 Encontros Pedagógicos	38
4.5 Procedimentos Para Análise De Dados	41
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	43
5.1 Generificação	44
5.1.2 Práticas Corporais Generificadas	44
5.2 Veículos De Comunicação Da Generificação	49
5.3 Masculinidades	51
5.3.1 Diálogos Sobre Masculinidades	56
6. PRODUTO EDUCACIONAL	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	74
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	78
APÊNDICE B - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	80
APÊNDICE C - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ - RESPONSÁVEL	82
APÊNDICE D - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ - PARTICIPANTE	84
APÊNDICE E - ROTEIRO DE ENTREVISTA DO GRUPO FOCAL	86
APÊNDICE F - ROTEIRO DE ENTREVISTA DO PRODUTO FINAL	89
ANEXO 1 - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	92

APRESENTAÇÃO

Nasci e cresci na periferia da cidade de São Paulo. Estudei em uma escola particular até o quinto ano do ensino fundamental I e concluí o fundamental II e médio em uma escola estadual. Minhas maiores e melhores experiências com aulas de Educação Física e movimento foram na escola particular, lá eu tive uma professora que me proporcionou experiências e vivências inesquecíveis. Na escola do estado o desinvestimento pedagógico era escancarado, os meninos dominavam a quadra, enquanto as meninas ocupavam os espaços adjacentes disponíveis.

O esporte, o jogo e a brincadeira sempre estiveram presentes na minha vida, brinquei muito na rua e quando o estímulo escolar foi reduzido, procurei outros lugares para praticar atividades físicas. Passei pelo futebol, natação, basquete e vôlei, até chegar o momento de refletir sobre o mercado de trabalho e o ingresso no ensino superior.

No final do terceiro ano do ensino médio decidi tentar bolsa de estudos e estava em dúvida entre Administração ou Educação Física. Fui escolhida pelos meus professores para participar de um vestibular da UNESP, mas minha mãe não autorizou, eu ainda faria 17 anos e minha família não teria como arcar com os custos de uma vida em outra cidade.

Diante disso procurei uma associação dos Trabalhadores Sem Terra que oferecia um programa de bolsa de estudos. Optei por Educação Física e durante os quatro anos de curso, me interessei pelas matérias da área de saúde, até que surgiu a oportunidade de participar de um concurso público para o cargo de professor na Prefeitura de São Paulo, passei.



Assim que concluí a graduação ingressei nesse cargo público, na mesma escola em que hoje eu ainda trabalho e realizei a pesquisa deste mestrado. Conheci o universo escolar e fui compreendendo o real significado da expressão “dar aulas”, percebendo que o trabalho de uma professora vai além do aporte teórico oferecido pela universidade.

Durante esses anos na escola pública, conheci muitas pessoas, vivi diversas experiências e tentei ser alguém que colaborasse com a formação das crianças e adolescentes que por mim passaram. Busquei aperfeiçoamento com cursos de especialização e tinha o sonho de cursar mestrado, até que uma amiga me indicou o PROEF.

Estudar e praticar atividade física sempre foram as atividades que mais me entusiasmaram. O mestrado em Educação Física Escolar é uma experiência muito feliz, uma oportunidade de somar o conhecimento ao movimento e ainda continuar contribuindo para uma educação pública de qualidade.

Até aqui, o PROEF significa expansão dos horizontes do conhecimento, me impulsiona a pensar e repensar a Educação Física enquanto componente curricular, que está inserida no contexto escolar e que nos desafia diariamente. Pesquisar sobre generificação e dialogar sobre masculinidades vem ao encontro da minha trajetória, de uma mulher que sabe o preço de gostar de práticas esportivas estereotipadas, como o futebol e as lutas, e que ainda sim busca maneiras de dialogar e modificar a realidade da Educação Física Escolar na escola pública.

Reconhecer as diferenças e potencializá-las faz parte do caminho para a desconstrução da generificação e do debate sobre a construção das masculinidades e dos marcadores identitários.

1. INTRODUÇÃO

A generificação das práticas corporais é constantemente reforçada por padrões estéticos, estereótipos de gênero, machismo e sexismo. Culturalmente e historicamente essas atividades foram separadas e atribuídas ao gênero masculino ou feminino, reforçando uma lógica binária que limita a pluralidade das identidades humanas e perpetua desigualdades e exclusões (Silva, 2020, p. 33).

De acordo com Goellner (2010, p. 77), valorizar a diversidade de corpos, gêneros e sexualidades implica rejeitar rótulos e estereótipos que discriminam e excluem indivíduos com base em sua aparência, identidade de gênero ou orientação sexual. No campo da Educação Física, essa discriminação tem sido evidente, especialmente na exclusão e na limitação das oportunidades de participação das mulheres. Tal fato contribuiu para a crença social de que elas seriam naturalmente mais frágeis ou menos atléticas que os homens, o que supostamente as tornaria incapazes de realizar tarefas motoras complexas e fisicamente exigentes.

Por outro lado, aos homens são impostas expectativas rígidas de comportamento, como a exigência de serem competitivos, dominantes e de buscarem superioridade em diversas áreas da vida. O ambiente esportivo, nesse sentido, tem sido uma ferramenta central para a reprodução e legitimação dessa lógica, sendo um espaço de afirmação constante da masculinidade hegemônica. Os estudos de gênero, inicialmente fundamentados nas teorias feministas, ampliaram seu escopo para investigar

também as construções dessas masculinidades e suas representações. Brito e Santos (2013, p. 237, apud Connell, 1995, p. 188) definem masculinidade como “[...] uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero”.

A construção das masculinidades está fortemente marcada pela necessidade de oposição ao que é considerado feminino. Expressar emoções ou vulnerabilidades é frequentemente interpretado como fraqueza, o que legitima apenas um modelo de masculinidade: aquele alinhado à hegemonia masculina. Essa masculinidade dominante valida o patriarcado e estratifica outras formas de ser masculino, que acabam marginalizadas (Brito e Santos, 2013, p. 237).

Submeter-se aos estereótipos de gênero é limitar a expressão corporal, que constitui uma das formas mais autênticas de interação com o mundo. É preciso questionar o que é socialmente naturalizado, pois a escola, historicamente, tem sido um espaço de produção e reprodução de desigualdades e preconceitos. Muitas vezes, essas práticas são sustentadas por visões superficiais, guiadas pelo senso comum, que reforçam hierarquias entre os sexos e que precisam ser problematizadas (Louro, 2014, apud Siqueira, 2023, p. 5).

Nas aulas de Educação Física, é essencial valorizar todas as formas de expressão corporal. Isso inclui o questionamento dos estereótipos, a quebra de paradigmas e a construção de um ambiente pedagógico acolhedor, onde a diversidade de interesses, identidades e habilidades seja celebrada e respeitada. Enfrentar a generificação das práticas corporais é um grande desafio, sobretudo considerando a ampla gama de conteúdos trabalhados na

disciplina — como brincadeiras, jogos, lutas, ginástica, esportes, danças, capoeira, entre outros. Essas práticas, sistematizadas sob influências sociais, carregam padronizações que precisam ser desconstruídas para que os corpos possam, de fato, ser livres (Corsino & Auad, 2012, p. 16).

2. OBJETIVO GERAL

Analisar se uma práxis pedagógica centrada no debate sobre masculinidades pode contribuir para a desconstrução da generificação na Educação Física Escolar.

2.1 Objetivos Específicos

- Investigar como se dá a construção da generificação no contexto Educação Física Escolar;
- Compreender de que forma a masculinidade, regulada por padrões heteronormativos, influencia as práticas corporais dos estudantes.
- Identificar as instituições que contribuem para a generificação dos corpos e seu impacto na Educação Física Escolar.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1 O processo de construção da generificação

Sousa (1999, p. 52) afirma que gênero é uma construção política e social das diferenças sexuais entre homens e mulheres, moldada pela cultura de cada sociedade. O processo de educação de um ser feminino e um ser masculino é composto por movimentos e comportamentos que foram construídos e validados ao longo do tempo.

Auad (2022, p. 21) ressalta que a sociedade faz direta conexão do sexo com o gênero, limitando meninos e meninas a comportamentos e práticas ditas como “típicas” de um ou de outro, ou seja, a idéia de sexo oposto. Essa oposição estabelece barreiras que dificultam o trânsito entre os universos femininos e masculinos, reforçando as marcações sociais de gênero.

Para Louro (2022, p. 27b) a construção e reprodução das relações desiguais de gênero estão no campo social. As distintas sociedades marcadas por suas variadas interpretações culturais, padronizam e rotulam os corpos definindo o que é natural ou não, desconsiderando o pensamento plural e as diversas formas de representações. É necessário desconstruir a generificação por meio da valorização das múltiplas formas de existência, reconhecendo o gênero como expressão das identidades dos sujeitos.

Sobre a oposição de gênero, é possível afirmar que:

O feminino é associado, na maioria das vezes, à fragilidade, à passividade, à meiguice e ao cuidado. Ao masculino correspondem atributos como a agressividade, o espírito empreendedor, a força e a coragem. Muitos são os adjetivos que podem ser citados, mas fato é que a maioria dos atributos presentes em um gênero está automaticamente excluída do outro (Auad, 2022, p. 22).

Desconstruir a oposição de gênero significa entender que o masculino contém o feminino e que o feminino contém o masculino em suas unidades internas. Assim como também vamos encontrar vários tipos de mulheres e vários tipos de homens, a masculinidade e a feminilidade não é singular (Louro, 2022, p. 37b).

Guacira Lopes Louro em seu livro “Um corpo estranho - ensaios sobre a sexualidade e a teoria queer” inspirada nos estudos de Judith Butler e Michel Foucault, através da teoria queer, chama atenção para a superação do binarismo (masculino/feminino, heterossexual/homossexual) que não acompanha e compreende as múltiplas posições de gênero e sexualidade, caminhando ao encontro do resistente conservadorismo que segue regulando e normatizando identidades com base na heteronormatividade como única forma natural ou aceitável de sexualidade (Louro, 2001, P. 551).

Um sujeito ao nascer, diante do sexo, tem determinado seu gênero e o que a ele será permitido ou não (comportamento, experiências, relações, práticas), a feminização ou masculinização ali se instalam como barreiras que não lhe permite outras possibilidades. Aos sujeitos que transpõem as barreiras e subvertem a heteronormatividade transitando entre os sexos e gêneros, por muito tempo foi oferecido o silenciamento e a ideia de que são diferentes, no sentido de inferioridade e desigualdade. (Louro, 2022, p. 15a).

Esses sujeitos sugerem uma ampliação nas possibilidades de ser e de viver. Acolhem com menos receio fantasias, sensações e afetos, e insinuam que a diversidade pode ser produtiva (Louro, 2022, p. 21a).

Ao invés de pensar em oposição de gêneros e sexos como se um não estivesse conectado ao outro, a teoria queer sugere a ampliação da compreensão de identidades, desejos e sexualidades considerando a pluralidade e constantes transformações. As diferenças entre os sujeitos seriam entendidas como naturais e parte fundamental para a existência do outro, assim sendo, colocaria-se em discussão a superioridade e normalização da heteronormatividade que além de dizer o que se “pode” fazer, ainda ousam em produzir a cartilha do que “não se pode” fazer (Louro, 2022, p. 35a).

Para uma pedagogia e um currículo *queer* não seria suficiente denunciar a negação e o submetimento dos/as homossexuais, e sim desconstruir o processo pelo qual alguns sujeitos se tornam normalizados e outros marginalizados (Louro, 2001, P. 550) .

3.2 Generificação e Educação Física no contexto escolar

A Educação Física constitui um espaço privilegiado para a interação e a troca cultural, permitindo que, por meio das vivências corporais, os sujeitos compartilhem experiências, valores e perspectivas. As práticas corporais sistematizadas precisam ser concebidas como espaços de desenvolvimento pessoal e social, onde os estudantes possam explorar e questionar marcadores identitários, reconhecer e desafiar os padrões de controle da corporeidade que restringem a expressão individual e perpetuam desigualdades de gênero (Pereira, 2015, p. 151).

No entanto, é importante reconhecer que as experiências na Educação Física podem ser influenciadas por fatores sociais, históricos e culturais. Muitas vezes, esses padrões levam à auto exclusão, à medida que os estudantes internalizam as expectativas sociais em relação ao comportamento e desempenho com base em seu gênero, evitando atividades que não são consideradas "adequadas" para eles (Altmann, 2002, p. 10-14).

Novas teorias e perspectivas têm desafiado a maneira como a Educação Física historicamente abordou as desigualdades de habilidades físicas entre os sexos, com base na concepção de diferenças biológicas. As diferenças de habilidades físicas entre os sexos são moldadas por diversos fatores, como o contexto sociocultural, os costumes e o ambiente de interação dos sujeitos. Além disso, essas diferenças não devem ser vistas como determinantes rígidas das capacidades individuais (Louro, 2014, p. 77).

Para exemplificar fatores históricos, Sousa (1999, p. 57) descreve sobre a introdução do esporte moderno na Educação Física Escolar no Brasil a partir dos anos 30:

Com a introdução do esporte moderno como conteúdo da educação física escolar no Brasil, principalmente a partir dos anos 30, a mulher manteve-se perdedora porque era um corpo frágil diante do homem. Todavia, era por "natureza" a vencedora nas danças e nas artes. O corpo da mulher estava, pois, dotado de docilidade e sentimento, qualidades negadas ao homem pela "natureza". Aos homens era permitido jogar futebol, basquete e judô, esportes que exigiam maior esforço, confronto corpo a corpo e movimentos violentos; às mulheres, a suavidade de movimentos e a distância de outros corpos, garantidas pela ginástica rítmica e pelo voleibol. O homem que praticasse esses esportes correria o risco de ser visto pela sociedade como efeminado. O futebol, esporte violento, tornaria o homem viril e, se fosse praticado pela mulher, poderia masculinizá-la, além da possibilidade de lhe provocar lesões, especialmente nos órgãos reprodutores (Sousa, 1999, p. 57).

A Educação Física, com origens nos ambientes militares, historicamente reproduziu normas de masculinidade, ao chegar no ambiente escolar, continua

a reproduzir a ideia de que o homem afirma sua masculinidade apresentando habilidade e bom desempenho nas atividades esportivas. A transgressão dessas normas está na quebra de estereótipos de gênero e dos marcadores que reforçam o binarismo feminino-masculino (Devide; De Brito, 2021, p. 89).

A Educação Física Escolar vai muito além das atividades esportivas. Ela abrange uma ampla gama de práticas corporais que pertencem à cultura do movimento. Essas práticas são fundamentais na construção das identidades sociais e na formação de padrões culturais, incluindo as relações de gênero (Silva, 2020, p. 31).

É possível deslegitimar a ideia de que as práticas corporais são intrinsecamente generificadas, por meio da problematização dos valores e atitudes socialmente atribuídos a elas e reconhecendo que as manifestações corporais não são inerentes ao sexo, gênero ou sexualidade (Do Prado e Altmann, 2016, p. 64). A assimetria de gênero desnaturaliza as diferenças de habilidades motoras entre meninos e meninas, ignora a individualidade de cada criança e perpetua a estereotipização (Corsino; Auad, 2012, p. 32).

Prado, Altmann e Ribeiro (2016, p. 73) sugerem que modificações nas práticas pedagógicas partindo de uma perspectiva cultural pode promover a criticidade dos conteúdos, permitindo que os estudantes analisem as práticas corporais em um contexto histórico mais amplo. Isso inclui a análise de suas origens culturais, bem como a reflexão sobre como essas práticas foram moldadas pela sociedade.

3.3 Masculinidades, sociedade e Educação Física

Brito e Santos (2013, p. 237) afirmam que mesmo apoiado no movimento feminista os estudos de gênero já não são exclusivos a questões das mulheres e referem-se também às masculinidades que são construídas em oposição às feminilidades e a outros tipos de masculinidades.

Segundo Fernandes (2011, P. 18) as masculinidades são socialmente construídas e definem o que é “ser homem” de acordo com a cultura em que está inserida, assim como o tempo e espaço. O ser masculino estava atrelado à ideia de fortaleza e poder sobre as mulheres e sobre outros homens. A segunda onda do movimento feminista e o movimento gay chamam atenção para a necessidade de abrir passagem para novas identidades masculinas, negando o seu modelo dominante e hegemônico, ocorre então uma crise de identidade masculina.

Nesse sentido, os homens buscam redescobrir suas identidades masculinas, tentando conseguir um ponto de equilíbrio entre a masculinidade hegemônica, modelo no qual estão habituados a se relacionarem, e os novos modelos de um “novo homem”, que cada vez mais estão sendo exigidos pela sociedade (Fernandes, 2011, P. 20).

Essa hegemonia refere-se à dominação exercida por um seleto grupo de homens. Existe um modelo de homem ideal baseado no patriarcado e na heteronormatividade que tem seus alicerces nas relações de poder constituídas a partir da hierarquia no trabalho, nas relações pessoais e sexuais.

[...] há um tipo de homem ideal, no sentido weberiano, que está associado diretamente e principalmente com a heterossexualidade e o casamento, mas também com outros indicadores de conduta social,

como autoridade, divisão sexual do trabalho, força, e resistência física [...] (Connell, 1985 *apud* Fernandes, 2011, p. 22).

Existe uma hierarquização e uma lógica interna entre os homens que é liderada pela masculinidade hegemônica, dominante, que exclui os desprovidos de características atribuídas ao padrão que limita o comportamento dos sujeitos ao que é esperado pela sociedade (Pelluso; Devides, 2021, p.137).

A validação de uma única forma de masculinidade nos mostra que, assim como as mulheres, diante de uma sociedade patriarcal os homens também são vítimas de suas próprias opressões. A exclusão dos homens entre os homens faz parte da hierarquização masculina (Brito, 2021, p. 73).

Para entender melhor essa organização interna, Connell (1995 *apud* Silva e Gomes 2013, p. 50) explica que há uma hierarquização das masculinidades onde a hegemônica, que exige a padronização do homem em consonância com as expectativas da sociedade, ocupa o topo, mantendo sua dominação sobre as chamadas masculinidades subordinada, cúmplice e marginalizada. Essas se mostram passivas ao processo de dominação ou não se encaixam em padrões, como por exemplo, de origem étnica, econômica e ideológica.

Apesar da grande contribuição e influência da teoria da masculinidade hegemônica de Connell para os estudos de gênero, críticas foram feitas apontando tratar a masculinidade em um conceito fixo, como foco na masculinidade hegemônica, desconsiderando as interseccionalidades de raça, visão unilateral da dinâmica de gênero, a relevância das mudanças sociais e novas formas de masculinidades que emergem e a necessidade de uma abordagem prática, superando a análise acadêmica. Diante disso Connell e

Messerschmidt (2013, *apud* Devide e Brito, 2021, p. 41) repensaram o conceito, considerando as críticas e visando continuar a contribuir com a compreensão das dinâmicas de gênero, tais quais:

[...] a necessidade de ampliar a complexidade do modelo de relações sociais de poder construídas entre homens a partir do modelo inicial de uma “masculinidade hegemônica”; e a compreensão de que as masculinidades propostas deveriam ser interpretadas a partir do reconhecimento de suas fronteiras “fluidas” e “permeáveis” (Connell; Messerschmitt, 2013 *apud* Devide e Brito, 2021, p. 41).

Para Brito e Santos (2013, p. 237) a masculinidade hegemônica diz respeito ao processo cultural em que um grupo busca e assegura sua liderança na sociedade, estando fortemente associado à posição de destaque dos homens, à marginalização de outras formas de masculinidade e à inferiorização das mulheres.

A masculinidade subordinada refere-se à dominação exercida por homens heterossexuais sobre homens homossexuais, reforçando a hierarquia interna entre as masculinidades. A rejeição, desqualificação e hostilização de outro tipo de orientação sexual, que foge da heteronormatividade, está inserida na prática da homofobia (Da Conceição *et al.*, 2019 p. 5). A pressão exercida por mídias, famílias e instituições sociais pela conformidade às normas heteronormativas contribui para os altos índices de violência e violação de direitos da população LGBTI+, que são quantificados por registros de casos em jornais, portais eletrônicos e redes sociais diante da ausência de dados governamentais, mascarando a realidade dos fatos (Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2024, p. 4).

De acordo com uma pesquisa feita e publicada em um dossiê, pelo Observatório de mortes e violências LGBTI+ Brasil, dentre as mortes violentas

dessa população as principais tipificações são assassinatos e suicídios. Esses dados retratam uma sociedade intolerante que não aceita a diversidade e um público que não consegue lidar com a desumana exclusão e marginalização baseada em sua identidade de gênero ou sexualidade (Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2023-2024, p. 29).

Para Connell (1995 *apud* Santos, 2015, p. 118) supervalorizar uma única forma de masculinidade, em detrimento de sua diversidade, é uma maneira de manter a norma sufocando aqueles que ali não se encaixam.

Nisso, percebe-se que a construção do masculino, como experiência, desencadeia sofrimento, gera desequilíbrio, inquietação e reforça hipóteses de que dificuldades enfrentadas podem contribuir para a elevação da taxa de suicídio entre eles (Santos, 2015, p. 121).

A heteronormatividade regula e controla a construção social das identidades e das relações, é o padrão desejável e naturalizado pela sociedade conservadora que valoriza tradições e hierarquias que se opõem aos avanços e conquistas da modernidade. Esse conjunto de normas não está oposto apenas ao homossexualismo, desqualifica qualquer comportamento masculino que esteja distante do ser “macho alfa”, dominador e destemido (Barroco, 2010, p. 172 *apud* Da Conceição *et al.*, 2019, p. 3).

A masculinidade cúmplice caracteriza-se por homens que, embora não ocupem posições hegemônicas, se beneficiam das estruturas patriarcais sem questioná-las, esses sujeitos não pertencem ao seletivo grupo hegemônico mas desejam e idealizam estar lá. Na masculinidade marginalizada estão as minorias, os grupos que perdem dominância por pertencerem a classes ou raças/etnias oprimidas, como é o caso do homem negro (Connell, 1995 *apud* Brito e Santos, 2013, p. 238).

Os homens negros são estereotipados pela hipersexualização, pela forma violenta utilizada para resolver problemas e pela baixa capacidade intelectual. Sendo assim o racismo conduz esse público a realização de atividades periféricas, onde está localizado o esporte, que também tem sido utilizado como tábua de impulsão social, buscando aproximação a masculinidade hegemônica (Devide e Brito, 2021, p. 105) .

O desenvolvimento da identidade masculina se revela em um processo complexo que coloca à prova a essência do ser humano com as exigências da sociedade. Enquadrar-se às normativas torna-se uma tarefa difícil, quando a cobrança por comportamentos heteronormativos que, universalizam o homem, determinam a aceitação ou a exclusão daquele sujeito em construção (Santos, 2015, p. 119).

Louro (2014, p. 67) aponta para a importância de desafiar os padrões e questionar o que é dito como “natural” ou como um “sujeito normal”, considerando que a visão crítica abre espaço para novas narrativas e experiências que enriquecem a compreensão da diversidade.

As interações com a escola, família, mídias sociais, religião e política fazem parte da construção social da masculinidade, que em sua maioria reafirmam padrões que marginalizam qualquer comportamento que não se encaixe ou desestabilize o binarismo. (Pelluso e Devide 2021, p. 131)

Na escola há o encontro da pluralidade cultural, o que a torna um ambiente favorável ao diálogo, a problematização acerca da diversidade dos corpos e ao respeito pelas subjetividades dos estudantes dentro dos seus contextos culturais.

Diante de suas variadas possibilidades de práticas corporais, o esporte



ainda é um lugar de afirmação da masculinidade hegemônica, de demonstração de virilidade, força física, vigor, como se fosse obrigatório que todos os garotos se afeiçoassem a essa prática, um dever em sua formação. A aqueles que não se interessarem por essa internalização, sobra a exclusão (Brito e Santos, 2013, p. 238).

A pressão pela representação e performance de gênero também está muito presente em outro eixo curricular da Educação Física Escolar, a ginástica, em especial a ginástica artística. Alguns movimentos corporais generificados pela sociedade, assim como a oferta de participação exclusiva às meninas, dificultam ainda mais a quebra de paradigmas (Tsukamoto e Knijnik, 2008, p. 7).

A Educação Física Escolar precisa tensionar a monocultura e legitimar a diversidade superando a valorização de atributos biológicos, de raça ou etnia como ponto de partida (Pelluso e Devede, 2021, p. 141). Sendo assim, Neira (2007, p. 176) traz uma perspectiva multicultural onde o ensino deve valorizar as experiências e realidades dos estudantes, reconhecendo sua identidade representada no currículo escolar e desafiando narrativas dominantes.

Corroborando Hall (2003 *apud* Nunes e Rúbio 2008, p. 72) enfatiza que o multiculturalismo emerge como contestação às formas como são representados pelos grupos dominantes na busca por definir suas próprias identidades tendo suas experiências e histórias reconhecidas.

Os conhecimentos das camadas desprivilegiadas economicamente, dos afrodescendentes ou de muitos outros grupos quando vem à tona refutam o ponto de vista dominante da realidade. Ao enfrentar o conhecimento popular, indivíduos pertencentes aos grupos dominantes também apreciam o fato de que nas mais diversas questões existem perspectivas que não conhecem ou que estavam submersas (Giroux, 1983 *apud* Neira 2007, p. 176).

O currículo eurocentrado valoriza a identidade do homem branco, heterossexual e cristão, ou seja, um currículo focado nos grupos dominantes que vem ao encontro com a concepção da masculinidade hegemônica. Resultado disso é a subjugação das identidades negras e indígenas inviabilizando as contribuições culturais e intelectuais desses grupos (Ribeiro *et al*, 2020, p. 8). Um exemplo é a inserção das práticas originadas da cultura africana, afro-brasileira e indígena é um dos importantes e necessários caminhos para a valorização da pluralidade étnico-cultural (Sousa, 2022, p. 8).

O primeiro passo necessário para uma melhoria no currículo escolar vigente seria o afastamento do conhecimento ocidental eurocêntrico, pois este só reconhece a si mesmo como válido. Afastamento não significa deslegitimar, mas sim reconhecer que existem outras narrativas, formas outras de conhecimento e pensamento (Ribeiro *et al*, 2020, p. 12).

Na busca pela integração de todos os corpos e seguindo na contramão dos marcadores sociais e da generificação, a coeducação é grande aliada nesse processo. Essa metodologia tem como foco a garantia de que meninas e meninos, incluindo suas organizações internas, tenham as mesmas oportunidades de participação nas aulas de educação física, prezando pelas múltiplas vivências das práticas corporais (Jesus e Devede, 2006, p. 130).

Diante das contribuições teóricas discutidas, torna-se evidente que a Educação Física escolar não pode ser pensada apenas como espaço de desenvolvimento motor, mas como um campo estratégico de disputas simbólicas sobre gênero e masculinidades. A articulação entre os conceitos de performatividade, habitus, hegemonia e dominação simbólica fornece ferramentas potentes para analisar como práticas generificadas se estabelecem e, sobretudo, como podem ser desconstruídas.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 Método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utilizou a pesquisa-ação como método. Segundo Flick (2009, p. 20) “a pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas de vida”.

A pesquisa qualitativa é indicada quando é necessário obter dados resultantes das interações entre as pessoas através da observação, registro e análise. Proporciona aproximação entre o pesquisador e o participante oferecendo informações subjetivas, sendo assim mais flexível e menos estruturado quando comparado a outros métodos científicos (Dias, 2000, p. 1).

A pesquisa-ação pode ser compreendida como uma forma de investigação empírica desenvolvida em articulação com uma ação prática ou com a busca por soluções para um problema coletivo. Nessa abordagem, tanto os pesquisadores quanto os participantes diretamente envolvidos na situação colaboram de maneira ativa e participativa (Thiollent, 1985, p. 14 *apud* Gil, 2002, p. 60). As etapas de ações que devem ser consideradas são: fase exploratória, formulação do problema, construção de hipóteses, realização de seminário, seleção da amostra, coleta de dados, análise e interpretação de dados, elaboração do plano

de ação e divulgação dos resultados (Gil, 2002, p 126).

4.2 Local da pesquisa

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Jardim Damasceno I – Professor João Antônio Felício. A escola, inaugurada em 2008, pertence à Diretoria Regional de Ensino Freguesia do Ó/Brasilândia, a qual é responsável por 96 escolas que oferecem o ensino infantil, fundamental I, fundamental II e ensino médio.

O território a que a unidade pertence se originou do desdobramento de sítios e chácaras de cana de açúcar convertidos em lotes residenciais em meados de 1930. Na década de 50 e 60 o bairro foi loteado por migrantes do estado de São Paulo e do nordeste do Brasil que buscavam melhor qualidade de vida (Subprefeitura Freguesia Brasilândia, 2019¹).

O índice de desenvolvimento humano (IDH) realizado em 2010 pelo PNUD e IPEA aponta o distrito da Brasilândia com o 13º pior IDH do município de São Paulo (0,769), marcado pelas vulnerabilidades sociais a que está submetida a população das regiões periféricas da cidade, como falta de acesso à água potável, saneamento básico, saúde, educação e emprego formal (Baratto, 2016).

Entre os morros da Brasilândia estão as encostas da Serra da Cantareira,

¹ Informações retiradas do website da subprefeitura Freguesia do Ó/Brasilândia. Acesso disponível em: https://capital.sp.gov.br/web/freguesia_brasilandia/w/historico/142

que é a maior floresta urbana do mundo e o início da bacia hidrográfica do córrego Cabuçu de Baixo, onde nascia o bairro Jardim Damasceno. O nome da escola é em referência ao bairro, posteriormente adicionado um complemento em homenagem a um professor, e em 2023 os alunos escolheram um logotipo da unidade com uma espécie de lagarto, o Teiú, que é comum de observar na região devido a proximidade com as encostas.

Atualmente a escola possui, aproximadamente, 676 estudantes matriculados entre os períodos matutino e vespertino. A maioria mora próximo à unidade escolar, entre o Jardim Damasceno, o CDHU Yadoia, Jardim Brasília, Vitória Régia e, principalmente, na ocupação Capadócia localizada em frente à escola, a qual tem sofrido com o aumento da população morando de forma precária e com alto risco de deslizamentos².

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, campus de Bauru (CAAE 85260024.7.0000.5398), sendo aprovada e obtendo parecer favorável com registro sob o número 7.485.494, conforme detalhado no Anexo A.

4.3 Público participante

O público participante foi uma turma do 8º ano do ciclo autoral. Ao todo, foram 13 participantes, sendo 7 meninos e 6 meninas. A idade da maioria é de 13 anos, apenas um participante tem 14 anos. Todos moram no Largo do

² Informações retiradas do PPP - Projeto Político Pedagógico da unidade escolar. Para maiores informações e acesso ao documento na íntegra, entrar em contato através do e-mail: emefjddamascenoi@sme.prefeitura.sp.gov.br, telefone: 39742869 ou comparecer pessoalmente no endereço: Avenida Cantídio Sampaio, 4798 - Vila Souza - São Paulo, SP.

Damasceno, região em que a escola está inserida. A escolha pelo público se deu pelos diversos conflitos observados e relatados pela turma com relação à generificação ocorrida em atividades e comportamentos. Vale ressaltar que a pesquisadora acompanha a trajetória da turma desde o primeiro ano do Ensino Fundamental I.

4.4 Instrumentos e procedimentos de levantamento de dados

4.4.1 Grupo focal

Para o levantamento de dados, foi escolhida a técnica de grupo focal. Segundo Gatti (2005, p. 13), o grupo focal é definido como uma "técnica de coleta de dados que reúne um pequeno número de participantes para discutir um tema específico, sob a orientação de um moderador, visando à obtenção de informações qualitativas". Essa técnica destaca-se por sua capacidade de capturar a interação entre os participantes, permitindo que emergjam opiniões, sentimentos e ideias que nem sempre são acessíveis por meio de entrevistas individuais. Tem o objetivo de avaliar conceitos, identificar problemas ou compreender percepções, sentimentos e atitudes (Dias, 2000, p. 3).

A eficácia de um grupo focal depende de um planejamento cuidadoso, que inclui a definição clara dos objetivos da pesquisa, a seleção criteriosa dos participantes e a elaboração de um roteiro de discussão com perguntas abertas que estimulem o diálogo. O moderador desempenha um papel crucial,

facilitando a conversa e garantindo que todos os participantes tenham a oportunidade de expressar suas opiniões (Souza, 2020, p. 55).

A composição adequada do grupo é um fator decisivo para o êxito do grupo focal. Em geral, recomenda-se que cada grupo conte com entre seis e doze participantes, número considerado ideal para equilibrar diversidade de opiniões e viabilidade de gestão da discussão. Grupos menores podem limitar a variedade de perspectivas, enquanto grupos muito grandes dificultam a participação equitativa dos membros (Morgan, 1997, p. 43).

A duração de cada sessão varia conforme o objetivo da pesquisa e a complexidade do tema abordado, mas costuma situar-se entre 60 e 120 minutos. Sessões mais curtas podem comprometer a profundidade do debate, ao passo que encontros excessivamente longos tendem a causar fadiga nos participantes e perda de foco (Bauer & Gaskell, 2002, p. 61).

A figura do moderador é central para o desenvolvimento eficaz da técnica. Sua função é guiar a discussão, promover a participação de todos, manter o foco no tema proposto e garantir que o ambiente seja acolhedor e propício à expressão livre das ideias. O moderador deve agir com neutralidade, sem impor suas opiniões, mas também com sensibilidade para lidar com conflitos, silêncios e dinâmicas de poder dentro do grupo (Dias, 2000, p. 4; Gatti, 2005, p. 15; Krueger & Casey, 2015, p. 74).

Além disso, recomenda-se a presença de um observador ou assistente de pesquisa, responsável por tomar notas, controlar o tempo e apoiar o moderador em aspectos logísticos e técnicos (Krueger & Casey, 2015, p. 75).

Para garantir rigor metodológico e a validade dos dados obtidos, é

fundamental seguir um conjunto estruturado de etapas que orientam desde o planejamento até a análise dos resultados.

No planejamento da pesquisa, o processo inicia-se com o delineamento dos objetivos da pesquisa e a definição da pertinência do grupo focal como estratégia metodológica. Nesse momento, também se determina o número de grupos a serem realizados, o perfil dos participantes e a duração estimada de cada sessão. Um planejamento cuidadoso é essencial para assegurar a coerência entre os objetivos e a técnica adotada (Gatti, 2005, p. 18).

Para o roteiro de discussão, elabora-se um conjunto de perguntas abertas, flexíveis e sequenciais, que orientem o desenvolvimento da discussão. É recomendável que esse roteiro inclua uma introdução, perguntas principais e questões de fechamento. A formulação deve ser clara, evitando direcionamentos e permitindo que os participantes expressem livremente suas opiniões (Krueger & Casey, 2015, p. 59).

Na seleção e convite, os participantes são escolhidos com base em critérios previamente definidos, relacionados ao fenômeno investigado. O convite deve ser claro quanto ao propósito do estudo, garantindo o consentimento livre e informado (Morgan, 1997, p. 43).

Na preparação do ambiente, a sessão deve ocorrer em um local adequado, confortável e livre de interrupções, favorecendo a expressão espontânea dos participantes. Recursos como gravadores, fichas de consentimento e materiais de apoio devem estar organizados previamente. O ambiente deve promover confiança, acolhimento e segurança para os participantes (Gatti, 2005, p. 20).

Na condução do grupo focal, o moderador inicia a sessão apresentando

os objetivos da pesquisa, explicando as regras do encontro e incentivando a participação de todos. Sua função é facilitar a discussão, manter o foco temático e mediar conflitos ou silenciamentos. A condução deve ser ética, respeitosa e imparcial (Krueger & Casey, 2015, p. 74).

Para o registro e transcrição é essencial que o grupo seja gravado (áudio ou vídeo), com prévia autorização dos participantes, e posteriormente transcrito de forma integral. Notas de campo do observador — quando presente — são complementares e ajudam a captar aspectos não verbais da interação (Souza, 2020, p. 59).

E por fim na análise dos dados, com os dados transcritos, realiza-se a análise qualitativa, por meio de técnicas como análise de conteúdo, análise temática ou análise do discurso. A análise visa identificar categorias emergentes, padrões discursivos e significados compartilhados entre os participantes (Bardin, 2011, p. 127).

4.4.2 Procedimentos

As/os estudantes foram convidados a participar da pesquisa mediante apresentação dos objetivos, dos métodos, da relevância da discussão do tema e da importância da participação das/os mesmas/os para a sua concretização. Após essa explicação foram entregues os termos de consentimento (TCLE - Apêndice A), de Assentimento (TALE - Apêndice B) e de autorização de uso de imagem e voz (TUIV - Apêndices C e D). Somente após a devolução dos termos assinados e em posse da pesquisadora que a participação foi

oficializada. Os critérios de inclusão foram: estar cursando o 7º, 8º ou 9º ano na EMEF Jardim Damasceno I e entregar todos os termos assinados. O critério de exclusão foi: não entregar todos os termos devidamente assinados. Após essa etapa, foram agendados os dias e horários para a realização do grupo focal e os encontros pedagógicos.

A turma de 13 estudantes foi dividida em dois subgrupos, respeitando o número máximo indicado pela literatura para formar o grupo focal. O primeiro grupo focal foi realizado dia 07/04/25 das 13h30 às 15h, com a presença de seis estudantes (três meninas e três meninos) e o segundo foi realizado no dia 08/04/25 das 13h30 às 15h, com a presença de sete estudantes (quatro meninos e três meninas). Solicitei que as/os estudantes escolhessem um codinome, a fim de manter suas identidades em sigilo e respeitar sua privacidade. Foi capturado material em imagem e áudio para a realização da transcrição, análise e discussão dos dados. A organização dos subgrupos se deu de acordo com as possibilidades e compromissos de cada estudante. O roteiro de perguntas que orientou o levantamento de dados com os grupos focais encontra-se no Apêndice E.

4.4.3 Encontros pedagógicos

Após a realização do grupo focal, partiu-se para a realização dos seis encontros pedagógicos com o objetivo de aprofundar o tema por meio de uma práxis pedagógica utilizando diferentes recursos como vídeos, textos, imagens, discussões e relatos de experiências. Em todos os seis encontros foi coletado

material audiovisual para a análise e discussão dos dados.

No primeiro encontro, o tema foi “Práticas corporais e comportamentos generificados”. A atividade provocadora foi “O que eu posso?”. A tarefa era listar práticas corporais e atividades da vida social que faziam, fariam ou não fariam em consonância com aquilo que acreditavam estar de acordo com seu sexo biológico. O objetivo desse encontro foi identificar se os estudantes se limitavam a atividades ditas como próprias ou impróprias para si, bem como levantar de onde partiram para elencar as atividades que fazem, fariam ou não fariam.

Já no segundo, a centralidade esteve na “Generificação”. A pergunta feita foi: “A qual modalidade eu pertencço?”. A atividade consistia em relacionar a figura de oito pessoas às modalidades corporais que praticavam. O objetivo da atividade era de identificar a generificação, possíveis estereótipos e preconceitos implícitos e explícitos na definição das pessoas e suas modalidades. Ao final, na roda de conversa, aprofundamos o diálogo sobre sexo, gênero e orientação sexual.

Para o terceiro, o tema foi “Masculinidades - discussões sobre desigualdades”. Começamos o encontro com um vídeo de apoio para contextualizar a desigualdade de gênero, depois partimos para a conceitualização do termo masculinidade e, por último, discutimos as ‘diversas formas de ser homem’ e como a sociedade as interpreta. O objetivo foi apresentar o conceito de masculinidade e entender que existem várias delas entre os seres humanos e que as mesmas não estão necessariamente conectadas ao sexo, orientação sexual e gênero.

No quarto encontro, “Masculinidades e relações de poder” foi o tema em questão. A atividade principal era organizar de forma hierárquica a relação de

poder entre as diversas masculinidades na sociedade, no território em que as/es/os estudantes vivem e na unidade escolar. A ideia da atividade foi dialogar sobre como a divisão de poder acontece, explicando que além da mulher, homens que não fazem parte do padrão estabelecido pela masculinidade hegemônica, também são dominados e marginalizados.

Avançando para o quinto encontro, o foco foi “Masculinidades em questão”. Partiu-se da apreciação de algumas partes do documentário “O silêncio dos homens”, o que possibilitou a discussão sobre relações de afeto, escuta, cuidado e diálogo entre os homens. A pretensão foi, em um primeiro momento, a de sensibilizar as/es/os estudantes sobre a importância de analisar, de forma crítica, o modelo de masculinidade que lhe é socialmente imposto como correto. Em um segundo momento, o desejo era de mostrar que existem possibilidades de alcançar novas e diferentes masculinidades.

O sexto e último encontro foi dedicado ao planejamento sobre a elaboração do produto final que consistia em realizar uma entrevista com uma pessoa convidada para debater o tema masculinidades, em um formato inspirado no programa Roda Viva exibido pela TV Cultura³. A turma decidiu quem seria a pessoa, fizeram um convite para enviar, organizaram o roteiro de perguntas e a função que cada pessoa ficaria responsável no dia da realização da entrevista.

Para a última etapa da pesquisa, foi planejada mais uma reunião de grupo focal tendo como objetivo levantar dados sobre o que foi aprendido durante os encontros pedagógicos. No momento previsto a rede municipal entrou em greve, o que impossibilitou a realização do grupo. Mas durante os encontros pedagógicos foram registradas informações suficientes por mim e

³ O Roda Viva é um programa de entrevista da TV Cultura que existe há 35 anos e é exibido todas às segundas-feiras às 22h. Disponível em: [Roda Viva](https://www.roda.org.br/). Acesso: 11 mai. 2025.

pela turma para analisar e discutir os impactos da pesquisa.

4.5 Procedimentos para análise de dados

A análise de dados foi guiada pela análise temática proposta por Braun e Clarke (2017) *apud* Souza (2022, p. 53-56) . É uma técnica de análise qualitativa que enfatiza a flexibilidade e a adaptabilidade na identificação, análise e padrões dentro de um conjunto de dados.

Braun e Clarke (2006, p. 87) *apud* Barbosa, Silva e Nunes (2017, p. 5) apontam que essa técnica tem sua independência pela possibilidade de ser usada em diferentes abordagens teóricas sem exigir epistemologia ou paradigma específico, além de sua aplicabilidade em dados levantados por diversas fontes como entrevistas, grupos focais e observações. A análise temática tem seis fases definidas:

- Familiarizar-se com os dados: transcrição dos dados, leitura atenta e releitura para imersão no conteúdo, destacando ideias iniciais.
- Gerar códigos iniciais: identificação de segmentos relevantes nos dados que representam aspectos importantes para a pesquisa.
- Busca de temas: agrupamento dos códigos em temas mais amplos, que capturam significados significativos para a questão de pesquisa. Essa etapa envolve o reconhecimento de padrões e relações entre os códigos.
- Rever temas: verificação de coerência e distinção entre os temas. Ajustes

são feitos para garantir que cada tema seja claro e bem definido.

- Definir e nomear temas: Refinamento dos temas para descrever seus significados de maneira clara e concisa. Cada tema recebe um nome representativo e uma descrição clara e detalhada.
- Produzir relatório: Escrita do relato final, apresentando os temas identificados de maneira articulada com citações dos dados para ilustrar os pontos discutidos.

Todas essas etapas orientaram a leitura e a elaboração das categorias temáticas alimentadas pelos dados levantados nos grupos focais e nos seis encontros pedagógicos.

Na Tabela 1, está discriminado o codinome de cada estudante, o qual será utilizado para identificar as falas, mantendo, assim, a identidade preservada.

Tabela 1 - Escolha dos codinomes para identificação pessoal.

Codinome	Origem do codinome
Daygrock	<i>YouTuber</i>
Zico	Ex-jogador de futebol
Ronaldinho	Ex-jogador de futebol
Kaká	Ex-jogador de futebol
Suarez	Jogador de futebol ainda em atuação
O Caçador	Faz referência a ação de caçar - justificado pelo participante
Hinata	Personagem de série de Mangá
Carolana	Jogadora de vôlei
Rosamaria	Jogadora de vôlei
Simba	Nome referente a um famoso leão do universo cinematográfico.

Capivara	Animal roedor que está em alta nas redes sociais.
Alice	Escolha pessoal
Mariazinha	Escolha pessoal

Fonte: Autora, 2025.

Dos sete meninos que participaram da pesquisa, quatro escolheram nomes de jogadores de futebol famosos (Zico, Ronaldinho, Kaká e Suarez) e os outros três fizeram conexão com o universo masculino (Daygrock, O Caçador e Hinata). Entre as seis meninas, duas escolheram nomes de famosas jogadoras de vôlei (Rosamaria e Carolana), duas fizeram conexões com o universo feminino (Alice e Mariazinha) e as outras justificaram que escolheriam nome de animais que estão em alta na mídia (Simba e Capivara).

Através da proposta dos codinomes, ficou perceptível que a generificação atravessa nossas relações, concordando com Auad (2022, p. 21) que alerta sobre a conexão do sexo biológico com o gênero que fortalece a binaridade e oposição dos gêneros como campo de disputa de poder, como se um não pudesse conter o outro.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nos objetivos propostos, foram analisadas as informações obtidas por meio dos grupos focais e dos encontros pedagógicos. A análise foi dividida em duas categorias com suas respectivas subcategorias: generificação práticas corporais generificadas e masculinidades - hierarquização das masculinidades e diálogos sobre masculinidades.

5.1 Generificação

Ao ser questionada sobre o significado da palavra generificação, a maioria da turma alegou desconhecimento e algumas pessoas associaram à palavra gênero ao sexo. Sobre 'o que é gênero?', foram dadas respostas como: feminino, masculino, homem, mulher, sexualidade, binário, transexual, homossexual, lésbica e bissexual. Diante dessas informações, podemos perceber que o conceito de gênero está misturado aos conceitos de sexo e orientação sexual indicando uma possível escassez de diálogos sobre os temas.

Como afirma Louro (2014, p. 30), discutir sobre esses temas pode contribuir para que as pessoas vivam seu corpo, sua sexualidade e construam suas identidades de forma positiva, rompendo com padrões historicamente construídos e abrindo espaço para a pluralidade de ser e existir.

5.1.2 Práticas corporais generificadas

No primeiro encontro pedagógico, as/os estudantes participantes da pesquisa foram convidadas/os a organizar uma lista de práticas corporais e

outras atividades que envolvem jogos e brincadeiras em duas categorias, 'fariam ou fazem' e 'não fariam'.

A maioria das meninas demonstrou maior interesse pelo vôlei, mas se permitiram a pensar em fazer práticas como o boxe, acredito que motivadas pela oferta desta modalidade, de forma pedagógica, no ambiente escolar pela própria professora. Ainda sobre as preferências das meninas, sinalizaram disposição para jogos eletrônicos (jogar em rede), mas recuam ao pensar em participar de brincadeiras como o pipa e de modalidades que exigem grandes níveis de força, como o halterofilismo e futebol americano. Já os meninos, em sua maioria, continuam mantendo-se em situação de conforto social, evitando práticas/jogos e brincadeiras consideradas femininas como: ballet, dança, ginástica e boneca, preferindo o automobilismo e a pipa.

Os fatores que desencorajam a quebra da barreira da generificação foram relatados pelas/os estudantes, os quais podemos vê-los a seguir: repreensão da família; baixa autoestima; medo do julgamento, acreditar que é "coisa de homem" ou "coisa de mulher", achar que não é capaz de realizar a atividade ou por não ser adequado a sua idade. Os fatores que encorajam foram relatados como: pensar ou praticar uma atividade diferente, gostar daquela prática e não se preocupar com a opinião dos outros.

Para Altmann (2002, p. 10-14) às experiências na Educação Física influenciadas por padrões de comportamento e desempenho podem incorporar aos estudantes que, de acordo com seu gênero, determinadas atividades não lhe são adequadas, levando a autoexclusão. O depoimento de um participante da pesquisa retrata bem essa discussão:

Se eu quisesse praticar Ballet, eu ia ser muito criticado pela minha

família por essa modalidade ser praticada por mulher e eu também acho que não sou capaz. (Hinata, 2025)

Louro (2014, p. 77) aponta que historicamente a Educação Física justificou as desigualdades de habilidades físicas entre os sexos com base na diferença biológica, desconsiderando fatores sociais, culturais e ambientais. No segundo encontro pedagógico fizemos uma atividade denominada: A qual modalidade eu pertencço?. O objetivo da atividade era observar uma foto dos (as) praticantes previamente listados fora de seu ofício e fazer a conexão com uma das práticas listadas previamente. A organização foi feita da seguinte maneira:

Tabela 2 - Atividade “A qual modalidade pertencço?”.

Nome do(a) praticante	Prática de origem	Prática atribuída pela turma e frequência	Justificativas
Jonathan Batista	Balé	Basquete - 5 Boxe - 3 Rugby - 3	Tem cara de que faz essa modalidade. Tem porte. Usa tranças. Parece Rapper. É negro.
Rafaela Zanellato	Rugby	Boxe - 1 Ginástica Artística - 6 Balé - 3 Vôlei - 1	Tem jeito de quem faz essa modalidade. Tem cara de que faz essa modalidade.
Beatriz Ferreira	Boxe	Tiro com Arco 1 Balé 1 Judô 2 Rugby 2 Boxe 4 Ginástica Artística 1	Estatura. Tem porte. Tem jeito de quem faz essa modalidade. É forte. Já vi nas redes sociais e televisão.
Tiffany	Vôlei	Ginástica Artística 2 Boxe 3 Rugby 2 Vôlei 2 Balé 2	Tem cara de que faz essa modalidade. Tem porte. Parece princesa. Parece homem.

Sérgio Rosário	Basquete	Basquete 8 Tiro com Arco 2	Já vi nas redes sociais e televisão. Por ser cadeirante.
Beatriz Souza	Judô	Judô 9x Ginástica Artística 2 Rugby 1x	Já vi nas redes sociais e televisão. Tem cara de que faz essa modalidade.
Francisco Barreto	Ginástica Artística	Rugby 3 Vôlei 7	Já vi nas redes sociais e televisão. Tem jeito de quem faz essa modalidade. Tem porte.
Graziela Yaci	Tiro com Arco	Balé 5 Tiro com Arco 6	Tem cara de que faz essa modalidade. Já vi nas redes sociais e televisão. Não faço ideia.

Fonte: Autora, 2025

Como justificativa das conexões, as pessoas participantes da pesquisa apontaram fatores como “tem cara de...” “Tem jeito de...” , “já vi em algum lugar”, “Tem porte”, “É forte” e “É alto”. Apesar de não terem relatado na comanda de atividade de forma escrita, quando aprofundada a discussão sobre as respostas, de forma verbal a turma expressou que as respostas “têm cara de”, “tem jeito de” e “tem porte” estão carregadas de ideias estereotipadas.

A exemplo disso, relato que ao final do encontro, fiz o seguinte questionamento: “Após a revelação das respostas corretas, você se surpreendeu com algum dos atletas e suas respectivas práticas?”. Entramos em uma discussão envolvendo as atletas Beatriz Souza (mulher gorda e judoca brasileira), Graziela Yaci (mulher indígena, arqueira da seleção brasileira) e o Jonathan Batista (homem negro, periférico e bailarino).

Sobre a Beatriz Souza:

Ronaldinho: Eu não sei o que ela faz.

Pesquisadora: Como assim?

Ronaldinho: Ela não parece que faz nada.

Pesquisadora: Por que ela é gorda?

Ronaldinho: Sinaliza que sim com a cabeça, sem coragem de expressar sua opinião.

(Encontro pedagógico 2, 2025)

Sobre Graziela Yaci:

Eu já fui lá no Jaraguá e quando eu entrei na aldeia deles eu percebi que eles tinham carro, micro-ondas... antigamente não tinha isso não, até iPhone os indígenas tinham. É estranho, porque lá nos anos atrás eles não usavam isso, as coisas eram do jeito deles, agora tem geladeira, celular e iPhone.

(Hinata, 2025)

Essas informações vão ao encontro do que Silva (2020, p. 33) diz sobre a conexão da generificação com os padrões de beleza, estética, estereótipos de gênero, machismo e sexismo. Isso contribui para a manutenção do binarismo e da limitação da expressão das múltiplas identidades humanas.

Podemos identificar nesse ponto da discussão a importância das interseccionalidades, ou seja, da articulação das relações de gênero com outras categorias, como, por exemplo, raça, sexualidade e classe social (Pocahy, 2013, p. 80). Dessa forma enxergamos os sujeitos de forma plural, considerando sua construção cultural.

De forma unânime o Jonathan Batista, negro, periférico e bailarino foi a maior surpresa das pessoas participantes da pesquisa, não por acaso, foi o único que não teve conexão com alguma modalidade socialmente entendida como feminina. Ao revelar que sua modalidade era o Balé, alguns estudantes se manifestaram da seguinte forma:

Hinata: Bailarino? Mentira! Kaká: Ó lá o cara...

Carolana: Com essa cara dele?! Kaká: Tem cara de heterotop.

Carolana: Heterotop!

Hinata: Eu não estou acreditando. Ele tem mó cara de macho.
Tô chocado.

Carolana: Eu não acredito nisso.

Encontro pedagógico 2, 2025)

Para Deive e Brito (2021, p. 89) o esporte é palco para a afirmação da masculinidade e esse também é o pensamento dos estudantes, portanto quando mulheres ou homens fora do padrão são bem sucedidos em atividades esportivas e quebram estereótipos, a sensação é de incredulidade.

5.2 Veículos de comunicação da generificação

Quando as pessoas participantes da pesquisa foram questionadas sobre os lugares, pessoas ou situações em que aprendem sobre o que é certo e o que é errado, levando em conta o sexo biológico, a turma respondeu da seguinte forma: redes sociais, família, igreja, amigos e televisão.

Há relatos de que a família espera que as meninas sejam organizadas, vaidosas (se cuidem, cuidem das unhas, tenha unhas grandes, cuidem do cabelo e da sobrancelha, usem maquiagem, usem salto, rasteirinha...) e tenham postura de mulher (andar igual mulher, falar igual mulher, fazer coisas de mulher). Para os meninos a expectativa é que sejam responsáveis e tenham comportamentos masculinos. Podemos ver isso no depoimento de uma participante da pesquisa:

Carolana: Uma coisa que meu pai disse eu achei machista, tudo que eu fizer relacionado a esporte, voltado a homem, eu “tô” errada. Eu não posso fazer. Teve um negócio aqui na escola, sobre assistir basquete. Eu não fui. Porque o meu pai não deixou. Falou que era coisa de homem. E eu não fui.

Suarez: Vou dar um exemplo. Tem um amigo meu que eu conheço, ele tinha um sonho de ser dançarino, mas o pai dele não deixou ele dançar, porque ele achava que só mulher podia dançar. Homem não pode.

(Encontro pedagógico 2, 2025)

Quanto aos amigos, é comum ouvir comentários depreciativos e preconceituosos direcionados às pessoas que superam as barreiras da generificação e ousam permear entre os universos feminino e masculino.

Kaká: Ah, eu não vou citar nomes, mas... É, vocês vão saber quem é. Tem um amigo meu, que ele fica zoando outro amigo meu, porque ele joga vôlei e tem um jeitinho mais afeminado, um jeito mais sensível.

Carolana: Já falaram pra mim que não era pra jogar futebol com amigos, e uma pessoa, não vou nem citar o nome, mas o dia que eu fui jogar futebol, essa pessoa falou que era pra eu ir pra cozinha. Tipo, eu fiquei tranquila na hora, não mostrei nada, mas quando eu acordei eu fiquei muito mal.

Carolana: E se perder para uma menina eles são zoados pelos próprios amigos.

Kaká: Zoam porque eles acham que a menina é mais fraca. Então, tipo, se você perdeu é porque é pior, você é um lixo, tipo assim. É, é isso. Então, as mulheres são mais fracas do que você e você não consegue ganhar delas.

(Encontro pedagógico 2, 2025)

Quando o assunto é igreja, reforça-se a doutrina conservadora que nega a diversidade e o direito das pessoas serem quem elas são.

Ronaldinho: Eu acredito que eles não possam falar muito, porque tipo, Deus criou o homem, Deus criou a mulher. Deus não criou um travesti, Deus não criou outro sexo, Deus criou o homem e a mulher. Então, eu acredito que na igreja, se eles forem para a igreja, sabendo da Bíblia, sabendo da igreja, sabem que é homem e mulher. Então, se eles vão para a igreja, eles sabem que ali vai só homem e mulher.

Kaká: Sim. Porque se fala que Deus fez o homem e da carcaça do homem criou a mulher e isso coloca a mulher como inferior.

Carolana: Na minha igreja fala que Deus fez a mulher e o homem, não mulher com mulher.

(Encontro pedagógico 2, 2025)

Sobre as redes sociais, internet e televisão:

Simba: Eu acho que na questão da mídia as redes sociais são um lugar de influência. Não é uma questão que é isso que você tem que ser. Mas tipo, influencia a pessoa sim. Porque se fala que Deus fez o homem e da carcaça do homem criou a mulher e isso coloca a mulher como inferior.

Simba: Eu acho que na questão da mídia as redes sociais são um lugar de influência. Não é uma questão que é isso que você tem que ser. Mas tipo, influencia a pessoa.

Hinata: Usando o exemplo da ginástica artística hoje em dia as pessoas assistem mais. Ela foi mais apresentada pela TV, nas Olimpíadas de Paris, em 2024, no ano passado, a ginástica artística foi mais gravada, foi mais apresentada por mulheres, então, essa mentalidade é que a Ginástica Artística para homens não existe.

(Encontro pedagógico 2, 2025)

Apesar da grande influência pela padronização de seus corpos, as pessoas participantes da pesquisa verbalizaram sobre a necessidade de respeitarmos uns aos outros e, valorizando a diversidade, ofereci um momento para que pensássemos em caminhos para combater a generificação. Foi sugerido por eles fazer protestos nas ruas, respeitar o jeito de cada um, deixar as pessoas serem o que quiserem, não ligar para o que os outros falam e parar com essa história de “coisa de menino” e “coisa de menina”.

Segundo Pelluso e Devide (2021, p. 131), a construção social da masculinidade é influenciada pelas interações com instituições como a escola, a família, as redes sociais, a religião e a política — instâncias que, em grande parte, reforçam normas que excluem ou deslegitimam comportamentos que desafiam a lógica binária de gênero.

A construção dessa masculinidade passa muito pela referência paterna positiva, negativa ou ausente. Alguns meninos que participaram da pesquisa relataram que se inspiram nos pais, entendendo que é a principal influência para ensiná-los sobre o que é ser homem enquanto outros disseram que o pai é um exemplo do que não deve ser seguido.

Suarez: Eu acho que os homens pegam a referência dos pais. Eu pego a referência do meu pai, porque meu pai é um trabalhador, que batalha muito e eu pego essa referência pra minha vida. Ele sempre me ensina a ser honesto com a minha vida. Minha mãe também.

Dayrock: Eu acho que todo filho tem que seguir meio que um jeito, né? De uma figura paterna, ou a mãe, ou a pai, mas geralmente os meninos gostam mais de seguir a figura paterna do pai. Tipo, fazendo esses trabalhos que ele faz.

O Caçador: Não posso dizer que eu sigo o padrão do meu pai, tipo, eu não posso dizer que ele é meu exemplo, porque ele é um cara horrível, mas ainda é o meu pai e não posso negar isto.

Hinata: Eu vou ser sincero, eu não tenho pai como figura paterna. Eu tenho minha mãe como figura paterna, porque ela sempre me ajudou quando eu precisei.

Zico: Meu pai não é tão presente assim não. Vejo ele no meu aniversário, feriados, datas comemorativas.

(Encontro pedagógico 3, 2025)

Segundo a turma, na ausência dessa figura, naturaliza-se que a responsabilidade da criação e da educação deles é função da mãe. Independente da presença do pai dentro de casa, foi relatado que na organização dos afazeres domésticos a responsabilidade pelo cuidado da casa é das mulheres e cabe aos homens “ajudar” como podem diante da demanda de trabalho, responsabilidades do cotidiano ou pelo simples fato de serem homens. Cabe ressaltar que todas as mães dos participantes da pesquisa trabalham fora.

Suarez: Alguns pais vão embora e deixam a mãe com o filho e a mãe tem que fazer o papel de pai e de mãe ao mesmo tempo.

Carolana: Minha mãe trabalha de manhã até tarde. E de manhã,

antes de ir para a escola, quem limpa a casa sou eu. Eu faço comida, eu faço tudo, literalmente tudo e se eu esqueço de fazer alguma coisa, o meu pai reclama. Só que ele não faz nada. Tudo bem que ele trabalha, mas mesmo assim. Se eu, por exemplo, vou tomar uma água, eu deixo o copo na pia pra fazer outra coisa, ele reclama. Agora, se ele deixa o copo na pia, eu não posso falar nada.

O Caçador: Tem uma questão da casa que é assim, meu irmão trabalha como Advogado, aí só porque ele acha que ele trabalha mais, ele não limpa a casa.

(Encontro pedagógico 3, 2025)

Entre as pessoas participantes da pesquisa que têm o pai como referência, a ausência de diálogo sobre questões emocionais entre eles foi mencionada em várias ocasiões. Algumas comentaram que se sentem mais à vontade para falar com as mulheres da família (mães ou tias) ou amigos. Ainda assim, outros se mostram mais fechados, evitando compartilhar suas emoções com quem quer que seja.

Sobre os motivos que os bloqueiam de falar sobre seus sentimentos, responderam em torno dos pressupostos de que "homens não devem demonstrar fraqueza". São socialmente pressionados a não expressarem tristeza, pois isso seria visto como incompatível com o que se espera de um homem. Alguns relataram que, mesmo enfrentando momentos difíceis, preferem "seguir em frente" sem demonstrar vulnerabilidade, inspirados pela postura mais endurecida dos colegas.

Quando questionados sobre a possibilidade de compartilhar sentimentos com amigos, a maioria dos meninos revelou que depende muito da pessoa. Sentiram-se mais confortáveis para conversar com amigos mais maduros, que oferecem conselhos de forma respeitosa. Ainda assim, muitos relataram medo de serem ridicularizados, o que inibe a abertura emocional. Para eles, expor sentimentos é algo reservado apenas a pessoas de muita confiança.

Hinata: Então, tipo assim, se eu conto pra uma pessoa no que eu tô passando em questão de relacionamento e a pessoa, como ela não tem maturidade, vai começar a falar com as outras pessoas, para zoar também.

Suarez: A gente deve guardar as coisas e somente compartilhar com

aquele que for uma pessoa de confiança.

(Encontro pedagógico 5, 2025)

Sobre relacionamentos afetivos, os meninos também demonstraram certa resistência em se expor. Muitos disseram que preferem não falar sobre o assunto. Já as meninas acreditam que os meninos poderiam se abrir mais, demonstrar mais sentimentos e expressar suas emoções de forma espontânea.

Elas destacaram que, atualmente, são as meninas que, muitas vezes, tomam a iniciativa nos relacionamentos — algo diferente das gerações anteriores. Ainda assim, a maioria delas gostaria que os meninos fossem mais transparentes e proativos.

Carolana: Mulheres gostam de homens que sejam mais carinhosos do que mais brutos. Não como dizem, que que homem tem que ser mais bruto do que mulher.

Capivara: Seria legal o diálogo. Conversar. Tipo, seja um diálogo bom. Que não fale apenas sobre esportes, o que a mulher deve fazer, o que o homem deve fazer.

Simba: O homem, eles são muito brutos. Então, tipo, eles vão mais pela opinião deles sempre eles acham que a primeira palavra é deles, que o que eles falam tem que ser aquilo e pronto.

(Encontro pedagógico 5, 2025)

Dialogar não parece estar em um ambiente seguro para eles, assim como a construção da autoimagem, que ainda é motivo de incômodo para muitos, que demonstraram vontade de cuidar de si, mas estão em um processo de transição entre o “querer” e o “poder” diante das novas possibilidades.

Os meninos demonstraram insatisfação com a baixa estatura, com a falta de musculatura aparente e com o corpo magro. Acreditam que seja

importante praticar esportes, cuidar da saúde e mostraram-se interessados em frequentar a barbearia a fim de manter o corte de cabelo e um “risquinho” na sobrancelha (um gesto que revela vaidade) , mas deixaram registrado que não frequentam salões de beleza por ser um espaço entendido como extremamente feminino.

Dessa forma percebe-se que a construção da masculinidade tem ou está tomando forma, tanto no imaginário, como nas ações da vida real. O permitido e o proibido ganham maiores proporções e pressionam esses jovens a seguirem caminhos definidos pela sociedade.

5.3.1 DIÁLOGOS SOBRE MASCULINIDADES

Para Fernandes (2011, P. 18) , além de cultivar a dominância sobre as mulheres, um seleto grupo de homens se mantém dominante sobre outros homens, contextualizando a masculinidade hegemônica. Pensando nisso, com base nos estudos da teoria da masculinidade hegemônica de Raewyn Connell, no quarto encontro pedagógico da pesquisa dialogamos sobre “Relações de poder e masculinidades”, foi proposto que as pessoas participantes da pesquisa organizassem, de acordo com sua leitura do mundo, diferentes masculinidades em uma pirâmide de quatro camadas (muito poder - cor laranja, tem poder - cor rosa, pouco poder - cor verde, pouquíssimo poder - cor azul), pensando em quatro situações: relações de poder na sociedade, no

território que a escola pertence, na escola e nas aulas de Educação Física.

Figura 2: Relações de poder na sociedade.



Fonte: Autora, 2025.

A forma como a turma interpreta as relações de poder na sociedade, de maneira global, vai ao encontro da revisão de literatura dessa pesquisa. Connell (1985 *apud* Connell, 2011, p 22) associa a dominância à heterossexualidade, autoridade, força, resistência física e a conduta social e na hierarquização feita por eles podemos observar isso, já que na percepção dos estudantes, nas camadas superiores, os mais poderosos são os homens brancos, de classe alta, heterossexuais e cristãos e nas camadas inferiores, que simbolizam menor poder, estão o homem pobre, os indígenas, os negros, os gays e os deficientes⁴, todos estão fora do padrão hegemônico.

O Caçador: Eu acho que tipo assim, não tem oportunidades pra chegar lá (no topo da pirâmide). Dependendo, no meu futuro, se eu conseguisse ser o que eu quero ser, eu acho que eu chego até um top 10. Mas nunca vou ser o primeiro. Porque se for assim, eu vou ter que me pintar de branco, né? Não tem como ser branco.

(Grupo Focal, 2025)

⁴ O termo “deficientes” que se refere às pessoas com deficiência é utilizado pelos participantes da pesquisa e replicado no texto visando manter a originalidade dos dados coletados, sem a correção do mesmo.

Figura 3 - Relações de poder no território em que a escola pertence.



Fonte: Autora, 2025.

Observando a pirâmide das relações de poder no território em que a escola pertence, que também é o lugar em que as pessoas participantes da pesquisa vivem, os homens negros da periferia são os mais poderosos. Nas duas camadas superiores, a figura da mulher aparece condicionada à figura do homem “mulher do dono da boca” e os traficantes são vistos em uma escala menor por serem os funcionários dos donos. Segundo relatos da turma, os homens nascidos na região em questão, em sua maioria negros, são considerados pessoas que tem vínculo com o território e prezam pelo bem da comunidade, por isso são bem aceitos.

Nas duas camadas inferiores aparecem os homens idosos, os pobres, os moradores de rua e os gays, trazendo para o contexto microssocial a mesma ideia do macrossocial, ou seja, continuam longe das normas e padrões hegemônicos mesmo em outro contexto.

Pensando em nível local, a turma relata que na periferia as relações de poder acontecem de forma diferente, validando a revisitação de Connell e

Messerschmitt (2013, p. 261) à teoria da masculinidade hegemônica, considerando que ela não é fixa, varia conforme o tempo, a sociedade e a cultura, mas continua legitimando a dominação masculina.

Zico: Porque tipo assim, a periferia é só pros pretos e a cidade de fora é só pros brancos. Acho que tem essa pequena divisão.

Kaká: O dono da boca são os mais poderosos. Eu acho que a periferia é só para os pretos e o que tem fora é só para os brancos.

Rosamaria: Se entrar um branco na periferia eles vão falar que é um playboyzinho. O caçador: Logo vão reparar que ele não é dali. (Grupo Focal, 2025)

Analisando as respostas das pessoas participantes da pesquisa, em um contexto macrossocial, ao pensar na sociedade de maneira ampla, o homem negro ocupa lugar de subalternação e desvalorização, concordando com o conceito de masculinidade marginalizada. Já no contexto microsocial, na periferia em que vivem, os homens negros ocupam posições de liderança através do poder originário do crime, reforçando o estereótipo disseminado pela classe privilegiada ao dizer que o homem negro afirma sua masculinidade através de práticas violentas (Connell, 2003, *apud* Fernandes, 2021, p 109).

Lamentavelmente, a verdade de fato, que é um tabu quando verbalizada, é que esta é uma cultura que não ama os homens negros; eles não são amados por homens brancos, nem por mulheres brancas ou mulheres negras, nem por meninas e meninos. Sobretudo, a maioria dos homens negros não se ama. Como eles poderiam amar a si mesmos e uns aos outros, como poderia se esperar que eles amassem cercados de tanta inveja, desejo, ódio? Homens negros na cultura do patriarcado supremacista branco capitalista imperialista são temidos, não amados. Obviamente, parte da lavagem cerebral que ocorre em uma cultura de dominação é a confusão entre temor e amor (Hooks, 2022, p. 34-35).

A insatisfação com o corpo e com a autoimagem já descrita aqui, toma maiores proporções quando juntamos a masculinidade com a interseccionalidade da raça:

O caçador: Eu diria que não esperam nada de mim (participante da

pesquisa que se autodeclara negro). Sem expectativas. Já ele (um estudante que se identifica como branco) é um cara legal, inteligente e engraçado. Ele é uma pessoa legal.

Kaká: Eu acho que é assim, tipo um menino negro, algumas pessoas podem achar que vai virar um lixeiro. Vai virar um mendigo.

O caçador: Que vai seguir para as drogas. É tudo de ruim.

Carolana: Cobra-se mais do homem negro, porque o homem negro tem menos direitos que o o homem branco.

Kaká: Eu já ouvi alguns amigos meu zoarem o outro de Pelé, Demele, Macaquinho da Passatempo, Escuridão da noite...

Zico: Sabonete de mecânico.
(Encontro pedagógico 5, 2025)

Nas camadas inferiores das duas pirâmides citadas acima, que simbolizam menor poder, estão o homem idoso, os indígenas, os negros, os gays e os deficientes⁵.

Durante a realização da atividade, quando chegamos nas pirâmides de relações de poder na escola e nas aulas de Educação Física, a turma manifestou dificuldades de produzir suas tabelas pensando apenas em masculinidades, pra eles, ali não poderia ser pensado dessa forma, já que os meninos se organizavam de forma coletiva, como unidade. Diante disso eles pensaram de maneira mais ampla.

Avaliando as relações de poder na escola, nas duas camadas superiores da pirâmide, que concentram maior poder, às mulheres aparecem em posição de liderança junto com uma organização interna e democrática de poder que são os representantes de sala⁶ e logo após o coletivo de estudantes e os homens.

⁵ O termo “deficientes” que se refere às pessoas com deficiência é utilizado pelos participantes da pesquisa e replicado no texto visando manter a originalidade dos dados coletados, sem a correção do mesmo.

⁶ A eleição dos representantes de sala ocorre anualmente. Em cada sala os candidatos a essa função elaboram suas propostas e em seguida encaminhamos para votação. O menino e a menina mais votados ocuparão o cargo e participarão de reuniões com a gestão da escola levando demandas dos estudantes em busca de solução de problemas e melhora na qualidade do ambiente escolar.

Figura 4: Relações de poder na escola.



Fonte: Autora, 2025.

Analisando esse contexto, nas duas camadas superiores da pirâmide, que concentram maior poder, às mulheres aparecem em posição de liderança junto com uma organização interna e democrática de poder que são os representantes de sala⁷ e logo após o coletivo de estudantes e os homens.

Na unidade escolar em que esta pesquisa foi realizada, a gestão da escola valoriza o protagonismo dos estudantes e oferece oportunidades para que se manifestem de forma democrática e igualitária. Isso reflete na construção dessas pirâmides, as pessoas já internalizaram a ideia de que dentro daquele espaço as coisas não funcionarão como fora dele. Assim sendo, percebe-se que ali os homens e as mulheres podem ter espaço de protagonismo e autonomia.

Hinata: Tem coisas que, mesmo que o representante de sala esteja lá, não é só um cara ou um representante que tem que resolver, é sim um conjunto, tem que ter conversa, tem que ter. As decisões que a gente leva, a gente decide juntos, em grupo, em sala.

⁷ A eleição dos representantes de sala ocorre anualmente. Em cada sala os candidatos a essa função elaboram suas propostas e em seguida encaminhamos para votação. O menino e a menina mais votados ocuparão o cargo e participarão de reuniões com a gestão da escola levando demandas dos estudantes em busca de solução de problemas e melhora na qualidade do ambiente escolar.

Suarez: Não tem a ver com sexo. Tem a ver com quem for e fala uma coisa mais coerente.

Simba: Eu acho que a gente teria uma maturidade suficiente pra sentar assim, pra conversar e tipo, os dois lados concordarem, sabe? Tipo, não ficar naquele debate chato.

(Grupo Focal, 2025).

Nas camadas inferiores aparecem os trabalhadores da limpeza, os gays, e os deficientes⁸. Justifica-se pela falta de protagonismo, presença e participação na tomada de decisões na unidade escolar. Aqui vemos a falta de valorização do trabalho de servir e cuidar dos (as) faxineiros (as) e cozinheiro (as), a dificuldade do trabalho de inclusão nas escolas diante das possibilidades de cada unidade e do silenciamento e inferiorização da masculinidade homossexual.

Figura 5: Relações de poder nas aulas de Educação Física.



Fonte: Autora, 2025.

⁸ O termo “deficientes” que se refere às pessoas com deficiência é utilizado pelos participantes da pesquisa e replicado no texto visando manter a originalidade dos dados coletados, sem a correção do mesmo.

Nas camadas superiores das relações de poder na Educação Física a figura de liderança é do(a) professor(a) e justificado pela turma, e em sua ausência, os meninos teriam espaço para tomar decisões pela identificação com a disciplina em questão, mesmo quando as meninas se colocam ativas e participam das decisões.

O Caçador: Porque eles vão ser só os maiores.

Kaká: Porque eles são a maioria aqui. Como aqui tem menos menina, e tem, tipo, mais homens, aí quem vai ganhar a votação é os homens. O Caçador: Porque eles vão seguir por eles, não por elas.

Carolana: É, eles se acham mais superiores do que as mulheres. (Grupo Focal, 2025).

Nas camadas inferiores da pirâmide estão os estudiosos, os deficientes⁸ e os gays. Pensando na Educação Física como um espaço de movimento, do corpo como meio de comunicação, para a turma, os estudiosos geralmente não costumam gostar dessas práticas e os deficientes nem sempre tem autonomia para desenvolver determinadas atividades. Sobre meninos gays, a generificação atravessa o olhar das pessoas de maneira a inferiorizar pessoas pelos seus interesses.

HINATA: Quando eu comecei a me interessar pelo Vôlei, eu sofria muitas críticas, e sofro até hoje. Sofri homofobia, pessoas chegavam e falavam: “Ah, você é muito ruim, você não pode praticar esse tipo de esporte. Isso é coisa de mulher, não de homem”.

SIMBA: Eu quase não vejo um homem dançando balé, mas eu não vejo isso como um problema, porque é uma dança como qualquer outra, os dois gêneros podem fazer o que quiserem. Mas eu vejo como uma dança muito feminina.

(Grupo Focal, 2025)

Observando a percepção de mundo das pessoas participantes da pesquisa, depois de observar a organização das quatro pirâmides, nota-se que a masculinidade gay/homossexual ocupa a camada inferior, de menor poder, em todas elas. As informações tratadas anteriormente nesta discussão,

principalmente sobre generificação e seu veículos, caminha no sentido do conservadorismo, da desvalorização e da hostilização a orientações sexuais que não se alinhem ao padrão heterossexual. A pressão exercida por meios de comunicação, familiares e pela sociedade em geral para que indivíduos se adequem a padrões heteronormativos contribui para os elevados índices de violência e violação dos direitos da população LGBTI+ (Da Conceição et al., 2019, p. 5).

Quando questionados sobre a possibilidade do ingresso de um estudante homossexual na turma, as respostas foram:

Suarez: É porque tem gente que acha normal a sexualidade diferente de um homem gostar de homem e outras pessoas não acham tão normal.

Suarez: Eu também acho que nesse caso também teria um pouco de preconceito com a pessoa.

Simba: Então, até hoje eu nunca vi uma pessoa com outro tipo de gênero aqui na escola. Sempre os meninos tem atitude de homem, meninas, de mulher, então eu acho que se uma pessoa tivesse estudado aqui, e um menino fizesse coisas femininas, eu acho que seria muito julgado.

Hinata: Tratam de um jeito homofóbico. Coloca na mente, que aquilo não é coisa de homem. Então se aparecer um menino na sala de outro lado, eles vão criticar, porque eles acham que não é coisa de homem.

(Grupo Focal, 2025)

A turma demonstra a naturalização da heterossexualidade compulsória, que não se limita a dizer o que as pessoas devem fazer, ela vai além, cria a sua cartilha do que também não se pode ser feito. Diante desse contexto, não podemos perder de vista a contribuição de Louro (2022, p. 17 - 23a), que através da teoria queer, fala sobre a valorização das diferenças e explica que os corpos que a essas normas subvertem, indicam que há outras possibilidades de viver, desestabilizando esquemas binários e avançando na luta contra a normalização.

O trabalho pedagógico no ambiente escolar precisa promover espaços de diálogo sobre diferenças de uma forma positiva, facilitando para que ocorram mudanças em nossa sociedade. Para Pelluso e Devede (2021, p. 131) a escola precisa se apresentar como um espaço de encontro entre diferentes culturas, oferecendo um ambiente propício para o diálogo, a reflexão crítica sobre a diversidade corporal e o reconhecimento das subjetividades dos estudantes em seus respectivos contextos socioculturais.

A educação física pode se tornar um espaço de transformação. Repensar práticas pedagógicas, rever a forma como as aulas são organizadas, como os conteúdos são selecionados e como os estudantes são incentivados a participar. Propostas que valorizem a cooperação, a inclusão e o diálogo sobre questões de gênero favorecem o desenvolvimento de uma consciência crítica entre os alunos (Grossi; Nascimento, 2006, p. 251). É fundamental estarmos preparados para mediar conflitos, reconhecer desigualdades e atuar de forma ativa no combate a preconceitos relacionados ao gênero e à sexualidade.

Sobre a importância e relevância dessa pesquisa para as pessoas participantes, foi destacado que momentos e espaços de diálogo na escola ajudam a superar preconceitos e colaboram para que possam refletir sobre suas atitudes. Esses espaços são vistos como fundamentais para tornar o ambiente escolar mais respeitoso e inclusivo, desconstruindo conceitos rígidos sobre masculinidade.

Relatos sobre a importância do diálogo sobre generificação:

Rosamaria: Ah, eu achei muito interessante sobre o que a gente aprendeu pra entender, porque muitas pessoas na sala ficam julgando as outras porque uma menina quer jogar futebol e os meninos impedem ela e tem menino que quer jogar vôlei, handebol e eles impedem, então a gente aprendeu muito sobre isso.

Kaká: A generificação não é legal. É o que a sociedade acha. Tipo, na sociedade, homem não pode fazer balé, mulher não pode jogar basquete, tipo isso.

Suarez: Se o menino nasce, o pai vai querer ensinar futebol, querer que ele faça as coisas que o pai acha mais masculino, entendeu? É, isso aí é generificação

Rosamaria: É sobre não ofender as outras pessoas pelo que elas gostam de fazer. Tem muitos meninos que gostam de usar roupas justas e tem mulheres que gostam de usar roupa larga. Tem muita gente que fala só porque a mulher usa roupa larga que ela é de outro gênero e tem muito homem que usa roupa justa que eles falam que é de outro gênero também, então a gente tem que aprender a olhar pras pessoas e entender, aquilo é o estilo dela e a gente não pode se intrometer na vida dela porque é um estilo de vida que ela tem.

Carolana: Me ajudou bastante a não dizer para meninos o que eles devem fazer. Por exemplo, o menino não pode jogar vôlei ou não pode usar coisas que mulheres usam. Me ajuda você a não falar isso pra alguém, eu sei que machuca.

(Encontro Pedagógico 5, 2025)

Podemos notar que os participantes refletiram sobre a pressão social em relação às expectativas de gênero e a importância de respeitar as escolhas individuais. Eles concordaram que essas mudanças têm impacto positivo em suas relações.

Relatos sobre a importância do diálogo sobre masculinidades:

Daygrock: Ajudou bastante a eu entender que a maioria dos homens também precisa mudar bastante o diálogo com as mulheres e com algumas outras pessoas também. Dependendo da masculinidade, o homem pode ser mais bruto, precisa ter um diálogo melhor.

O Caçador: Bom, o que eu aprendi aqui é entender os olhares das mulheres sobre nós homens. Porque nós se baseamos muito nos nossos avós e porque a gente vê a internet, que diz que nós homens precisamos praticar academia, a ser mais saudável, a fazer esportes que vão me ajudar no meu físico. Antigamente eu falo, eu queria muito e seguia muito pela minha palavra, eu não ouvia muita coisa, mas as vezes pra cá eu tô começando a ouvir mais os outros, aí eu acho que esse trabalho me forçou um pouco mais.

Kaká: Eu aprendi várias coisas. Aprendi também que masculinidade, os homens tem que se abrir, porque tem vários homens que se matam o porque não conseguem falar. Eu falo, mas eu prefiro falar para pessoas de confiança, pessoas que eu gosto muito.

(Encontro Pedagógico 5, 2025)

A pesquisa ajudou a turma a entender o conceito de masculinidade e de novas masculinidades. Esses novos conhecimentos podem beneficiar a

comunicação entre homens, permitindo que eles compartilhem experiências sem serem julgados, valorizando a importância de ser mais gentil e aberto em suas interações.

Relatos sobre a importância de mais encontros como esses:

O Caçador: Eu acho que esses encontros deveriam ser focados só para as pessoas que praticam coisas ofensivas. Então, por exemplo, xingamentos ofensivos, coisas ofensivas, deveriam ser focadas para pessoas que praticam isso. Porque mesmo se eles não quiserem, mesmo se eles não querem botar na cabeça que eles não podem julgar um homem ou uma mulher com tal atitude, mas eles vão lembrar do encontro que aconteceu aqui, por exemplo, em um dia qualquer que foi marcado, e eles vão falar, ah, mas isso aqui foi meu, porque eu sabia que eu não podia fazer isso e mesmo assim quis fazer, entendeu?

Káká: Eu acho que seria importante, só que eu discordo que deveria ser pra quem quer aprender. Então seria só pra quem tivesse interesse e não vai zoar e rir do outro.

Carolana: Eu acho importante rodas de conversa, para que as pessoas que guardam as coisas conseguissem falar e principalmente uns meninos que são mais problemáticos e precisam de um espaço para desabafar. E porque, tipo assim, homem se guarda tanto em relação a sentimentos e palavras, que depois que eles vão comentar com alguém, eles acabam chorando.

Hinata: Aí surgem problemas mentais que são a depressão, ansiedade e aí nesses comentários ofensivos e comentários que surgem os problemas mentais que são a depressão e ansiedade.

(Encontro Pedagógico 5, 2025)

Diante das falas da turma vemos que há um consenso de que dialogando sobre suas experiências e sentimentos, menos espaço haverá para comportamentos negativos e preconceituosos. Isso não só melhora a dinâmica de suas vidas dentro e fora da escola.

6 PRODUTO EDUCACIONAL

Essa pesquisa teve como produto educacional uma entrevista realizada com o objetivo de ampliar e aprofundar o debate sobre generificação na Educação Física Escolar, com ênfase nos estudos sobre as construções das masculinidades.

No sexto encontro pedagógico dedicamo-nos à organização dessa entrevista, elaboramos o roteiro (Apêndice F), decidimos sobre quem seria a pessoa a ser entrevistada e organizamos as funções dos participantes. Ficou decidido que teríamos um apresentador/mediador, responsável por iniciar e encerrar a entrevista, além de apresentar os demais participantes, e atentar-se para que as discussões se limitassem ao tema. Dos demais participantes, sete demonstraram interesse em participar como “repórteres”, atuando em frente a câmera e questionando o entrevistado, e os demais auxiliaram com os temas e perguntas que seriam realizadas.

Os conhecimentos adquiridos e acumulados durante os grupos focais e os encontros pedagógicos serviram de base para que os estudantes pudessem escolher e convidar para ser entrevistado, alguém que pudesse contribuir com o trabalho. Eles escolheram um professor de Educação Física da unidade escolar que se autodeclara um homem negro, periférico e homossexual, entendendo que esse perfil se encaixava na pesquisa. A turma fez o convite ao professor e o mesmo aceitou participar.

No dia da entrevista, cada participante fez sua função e conseguimos gravar em uma única tomada. Usamos um microfone de mesa para captar o som e um celular para captar imagens. Optei por não realizar edições no vídeo, de modo que fique ali registrado o processo da forma mais natural possível.



Foram necessários apenas ajustes como slides de abertura/encerramento, inserção de legendas e sincronização de vídeo/áudio.

Alguns participantes da pesquisa também faziam parte do projeto de imprensa jovem da escola, o que facilitou com o uso da tecnologia para captura de imagem e som. Nesse caso, é importante ressaltar que não contratamos nenhum serviço profissional para esse processo. Tudo foi feito com o conhecimento prévio da turma, priorizando autonomia e protagonismo.

A presença do professor entrevistado gerou um clima de tensão, a turma ficou com medo de não saber o que fazer, errar as perguntas ou falar alguma coisa que não fosse confortável para o momento. No entanto, mesmo diante das dificuldades, conseguimos realizar a entrevista de maneira fluida e descontraída.

Esse audiovisual ficará disponível gratuitamente na plataforma de vídeos na internet pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=-ae-g5ReUCo>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar se uma práxis pedagógica centrada no debate sobre masculinidades poderia alterar os processos de generificação na Educação Física Escolar. Ao longo da pesquisa, foi possível constatar que a generificação atravessa profundamente as estruturas sociais e se sustenta na constante afirmação da masculinidade hegemônica, que tende a desqualificar e excluir feminilidades e masculinidades que destoam da norma dominante.

Os dados revelaram que a construção da generificação é fortemente influenciada por instituições como a família, os grupos de pares, a igreja e as redes sociais. A escola, enquanto espaço de encontro de culturas diversas, possui grande potencial para fomentar o pensamento crítico; no entanto, quando se omite dessa tarefa, torna-se apenas mais uma instância de regulação identitária e reprodutora de normas.

A Educação Física escolar, por sua vez, carrega marcas históricas de doutrinação dos corpos. É nesse espaço, voltado à valorização da cultura corporal, que os conflitos relacionados às expressões de gênero se intensificam. A naturalização das diferenças entre os corpos masculino e feminino impõe limites às práticas pedagógicas, reafirmando o que é permitido ou não, de acordo com o sexo biológico. Atividades como ginástica e dança, por exemplo, continuam estigmatizadas como femininas, sendo negadas por estudantes antes mesmo de serem experienciadas, devido aos estereótipos que carregam. Esse processo de regulação de corpos impede a vivência plena da diversidade curricular e limita a autonomia dos sujeitos.

A pesquisa também evidenciou que, além da desigualdade entre homens e mulheres, existe uma hierarquização interna entre os próprios homens, com masculinidades subalternizadas e frequentemente hostilizadas. Jovens que não se encaixam no padrão da masculinidade hegemônica são silenciados e marginalizados, o que revela que apenas uma parcela restrita de homens consegue performar tal ideal, mantendo a maioria da sociedade — incluindo mulheres — sob mecanismos de dominação. O machismo, a homofobia e o patriarcado funcionam como ferramentas potentes de manutenção dessa ordem, promovendo a exclusão e a concentração de poder nas mãos de poucos.

Alguns homens, nessa lógica, vivem uma masculinidade cúmplice, esperando alcançar posições de maior prestígio dentro da pirâmide de poder; outros se beneficiam de forma transitória de determinadas posições, embora a ascensão plena continue sendo uma utopia. No contexto da pesquisa, observou-se uma construção específica da masculinidade negra nas periferias, marcada por uma inversão simbólica: aquilo que na sociedade é marginalizado se torna, nesse microcosmo, símbolo de poder — ainda que vinculado, de forma preocupante, ao crime e à violência.

A masculinidade homossexual, por sua vez, apareceu na base da hierarquia, associada à fragilidade, ao desvio e à desonra. Divergir da norma heterossexual e experimentar outras formas de vivência do desejo ainda são atitudes duramente reprimidas. O conservadorismo atua de forma incisiva, dificultando o reconhecimento e a valorização de subjetividades dissidentes.

Outro ponto alarmante é a dificuldade dos homens em estabelecerem diálogos sobre seus sentimentos. Falar sobre emoções ainda é visto como sinal de fraqueza — atributo tradicionalmente associado ao feminino. O silêncio, a falsa autossuficiência e a repressão emocional continuam sendo valorizados como expressões legítimas da masculinidade.

Dentro desse cenário, o esporte se mantém como um dos principais espaços de afirmação da masculinidade hegemônica. Suas práticas historicamente valorizam a força, a competição e a dominação, reforçando modelos excludentes de ser homem e marginalizando corpos e identidades que não se ajustam a esse padrão. A Educação Física, por ter o corpo como objeto de estudo, ocupa uma posição estratégica para subverter essas lógicas. Promover espaços de debate crítico sobre gênero e masculinidades é essencial para desconstruir estereótipos e ampliar as possibilidades de existência e expressão corporal.

A análise dos dados revelou que a generificação atua em estreita relação com as masculinidades e que é justamente nesse ponto de intersecção que novas práticas pedagógicas podem emergir. A utilização de grupos focais e encontros pedagógicos, semelhantes a rodas de conversa, permitiu uma escuta atenta às experiências dos participantes e à complexidade das questões tratadas.

No produto final, se olharmos o roteiro de perguntas para o entrevistado, podemos perceber a grande presença de questionamentos ligados à sexualidade. Aprofundar a discussão sobre sexo, gênero e orientação sexual parece ser interessante para esse público, que é reprimido pelo conservadorismo e seus alicerces.

Acredita-se que os resultados desta pesquisa possam contribuir para o fortalecimento do debate sobre masculinidades na Educação Física Escolar, sobretudo em contextos periféricos. Diante disso, destaca-se a importância de aprofundar o olhar sobre a masculinidade negra e a masculinidade homossexual, ainda tão silenciadas e estigmatizadas na comunidade escolar investigada.

Este trabalho oferece contribuições relevantes tanto para o campo acadêmico quanto para a prática pedagógica e social, ao evidenciar os impactos da generificação e da dominação exercida pela masculinidade hegemônica dentro e fora da escola. Mais do que apresentar respostas conclusivas, a proposta aqui é abrir caminhos para novos questionamentos, tensionar normas estabelecidas e ampliar as possibilidades de saber, ação e existência no ambiente escolar e na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMANN, Helena. **Exclusão nos esportes sob um enfoque de gênero**. Motus Corporis, v. 9, n. 1, p. 9-20, 2002.

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2022.

BARATTO, Romulo. **Os 20 distritos com os IDH mais altos e mais baixos de São Paulo**. ArchDaily Brasil, 2 maio 2016. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/786534/os-20-distritos-com-os-idh-mais-altos-e-mais-baixos-de-sao-paulo>. Acesso em: 1 out. 2024.

BARBOSA, Marcos Antônio de Souza; SILVA, Manuela Ramos da; NUNES, Martha Suzana Cabral. **Pesquisa qualitativa no campo Estudos Organizacionais: explorando a Análise Temática**. 2017.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Editora Vozes Limitada, 2017.

BRAUN, V.; CLARK, V. **Using thematic analysis in psychology**. Qualitative Research, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

BRITO, Leandro Teófilo de; SANTOS, Mônica Pereira dos. **Masculinidades na Educação Física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão**. Revista brasileira de educação física e esporte, v. 27, p. 235-246, 2013.

BRITO, Leandro Teófilo de. In: DEVIDE, Fabiano Pries; BRITO, Leandro Teófilo. **Estudos das masculinidades na Educação Física e no Esporte**. Versos, 2021.

Conheça um pouco da história dos bairros da Freguesia do Ó e Vila Brasilândia. Subprefeitura Freguesia Brasilândia, São Paulo, 30 de mai. de 2019. Disponível em: https://capital.sp.gov.br/web/freguesia_brasilandia/w/historico/142>. Acesso em: 28 de set. de 2024.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. Revista Estudos Feministas, v. 21, n. 01, p. 241-282, 2013.

CORSINO, Luciano N.; AUAD, Daniela. **O professor diante das relações de gênero na educação física escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

DA CONCEIÇÃO BARRADAS, Larissa; CAMPOS, Andréa da Cruz Ribeiro; DE OLIVEIRA, Victória Braga Pessoa. **SUICÍDIO DE JOVENS LGBT: QUANDO O ARCO-ÍRIS SE APAGA**. In: Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais 2019. 2019.

DEVIDE, Fabiano Pries; BRITO, Leandro Teófilo. **Estudos das masculinidades na Educação Física e no Esporte**. Versos, 2021.

DIAS, Cláudia Augusto. **Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas**. Informação & Sociedade, v. 10, n. 2, 2000.

DO PRADO, Vagner Matias; ALTMANN, Helena; RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. **Condutas naturalizadas na educação física: uma questão de gênero**. Currículo sem fronteiras, v. 16, n. 1, p. 59-77, 2016.

FERNANDES, Luís Antonio Bitante. **Afinal o que querem os homens?: um estudo da masculinidade**. 2011. 191 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2011.

FLICK, Uwe. (2009). **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. In: Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. 2005.

GIL, Antônio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade**. Cadernos de formação RBCE, v. 1, n. 2, 2010.

GROSSI, M. P.; NASCIMENTO, M. M. do. **A construção social das masculinidades e a escola**. *Cadernos Pagu*, n. 26, p. 249-277, 2006.

HOOKS, Bell. **A gente é da hora: um guia para meninos se amarem como são**. São Paulo: Elefante, 2022.

JESUS, Mauro Louzada de; DEVIDE, Fabiano Pries. **Educação física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes**. Movimento, v. 12, n. 3, p. 123-140, 2006.

KRUEGER, Richard A. **Focus groups: A practical guide for applied research**. Sage publications, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. - Petrópolis: vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação**. Revista estudos feministas, v. 9, p. 541-553, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 3. Ed. Ver. Amp.; 4. Reimp –Belo Horizonte: Autêntica, 2022. – (Argos)a.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade**. In: LOURO, G. L. (Org.) O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. p. 7-41b.

MORGAN, David L. **Focus groups as qualitative research**. Sage, 1997.

ABGLT. **Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2023** / Acontece Arte e Política LGBTI+; ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais); ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos). – Florianópolis, SC: Acontece, ANTRA, ABGLT, 2024

NEIRA, Marcos Garcia. **Valorização das identidades: a cultura corporal popular como conteúdo do currículo da Educação Física**. Motriz Revista de Educação Física, p. 174-180, 2007.

NUNES, Mário Luiz Ferrari; RÚBIO, Kátia. **Currículo (s) da Educação Física e a constituição da identidade de seus sujeitos**. Currículo sem fronteiras, v. 8, n. 2, p. 55-77, 2008.

PELLUSO, Juliana; DEVIDE, Fabiano Pries. **Masculinidades na Educação Física Escolar: reflexões necessárias sobre um tema velado**. In: DEVIDE, Fabiano Pries; DE BRITO, Leandro Teófilo. *Estudos das masculinidades na Educação Física e no Esporte*. nVersos, 2021.

PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa et al. **Os estudos de gênero e masculinidade e seus reflexos para a Educação Física**. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, v. 23, n. 1, p. 146-156, 2015.

POCAHY, Fernando. **Interseccionalidade: uma prática-teorização feminista possível na “era pós-gênero”?**. In: WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione; DORNELLES, Priscila Gomes (org.). *Educação Física e sexualidade: desafios educacionais*. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2013.

PRADO, Vagner Matias; ALTMANN, Helena; RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. **Condutas naturalizadas na Educação Física: uma questão de gênero**. Currículo sem fronteiras, v. 16, n. 1, p. 59-77, 2016.

RIBEIRO, Débora; GAIA, Ronan da Silva Parreira; RODRIGUES, Janine Marta Coelho. **Colonialidade e raça: implicações eurocêntricas para o currículo**. Revista Cocar, v. 14, n. 30, 2020.

SANTOS, Welson Barbosa. **Adolescência heteronormativa masculina: entre a construção obrigatória e a desconstrução necessária**. São Paulo: Intermeios, 2015.

SILVA, Paula; GOMES, Paulo Botelho. **Masculinidades como Singularidades Múltiplas: uma proposta de análise das masculinidades no desporto**. In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione (Ed.). *Educação Física e Gênero: desafios educacionais*. Unijuí, 2013.

SILVA, Paulo Severino da. **Menino não dança e menina não luta: reflexões sobre a participação nas atividades da educação física escolar**. 1.ed. - Curitiba: Appris, 2020.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. **Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar**. Cadernos Cedes, v. 19, p. 52-68, 1999.

SOUSA, Fausto Ricardo Silva *et al.* **Formação docente na perspectiva da educação antirracista como prática social**. Práxis Educativa, v. 17, 2022.

SOUZA, Luciana Karine de. **Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática**. Arquivos brasileiros de psicologia. Rio de Janeiro. Vol. 71, n. 2 (maio/ago. 2019), p. 51-67, 2019.

SOUZA, Luciana Karine de. **Recomendações para a realização de grupos focais na pesquisa qualitativa**. Psi UNISC. Santa Cruz do Sul, 2017-. Vol. 4, n. 1 (jan./jun. 2020), p. 52-66, 2020.

SOUZA, Luciane Silva; ALIXANDRINO, José Ariosvaldo. **Análise do discurso crítica, Cis-heteronormatividade e escola**. Brazilian Journal of Development, v. 6, n. 10, p. 80453-80474, 2020.

TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz; KNIJNIK, Jorge Dorfman. **Ginástica Artística e representações de masculinidade no Brasil**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, v. 7, n. 3, 2008.

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO

FACULDADE DE CIÊNCIAS - Câmpus de Bauru

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Conselho Nacional de Saúde, Resolução 510/2016.

Prezado(a) responsável,

Informamos que seu/sua filho(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa científica intitulada “Generificação e Educação Física Escolar: diálogos sobre masculinidades”, conduzida pela professora-pesquisadora Aline Aparecida Santana da Silva, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Andresa Ugaya, no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF), com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

A pesquisa tem como objetivo compreender como as atividades e conteúdos desenvolvidos nas aulas de Educação Física podem contribuir no caminho para a superação da ideia de que algumas práticas corporais são adequadas apenas para meninas ou apenas para meninos. Além disso, procura-se identificar as origens dessa ideia em nossa sociedade, chegando à discussão sobre o comportamento dos meninos durante as aulas e em como isso afeta o desenvolvimento das aprendizagens.

Justifica-se essa pesquisa pela necessidade de construção de ambientes inclusivos e acolhedores no espaço escolar, pensando em contribuir para que todos tenham acesso às diversas práticas corporais pertinentes à Educação Física Escolar.

A coleta de dados será realizada por meio de grupo focal, ou seja, momento de entrevista em grupo com foco no diálogo sobre o tema acima citado, para uso exclusivo da pesquisa. Você receberá uma via desse documento assinado por si, pela pesquisadora e rubricada em todas as páginas por ambos (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 17, Inciso X) onde constam os dados da pesquisadora responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre o desenvolvimento do estudo a qualquer momento que julgar necessário.

Quanto à forma de acompanhamento e assistência, a participação neste estudo acontece de forma voluntária, portanto não envolve nenhum tipo de pagamento, não havendo qualquer ressarcimento para os(as) participantes. Qualquer demanda que possa surgir por parte dos estudantes participantes ou da família será tratada diretamente pela pesquisadora, oferecendo respaldo e suporte necessário (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 17, Inciso V).

Sobre os riscos, nessa pesquisa o participante poderá, eventualmente, sentir-se emocionado com alguma memória ou vivência que o tema venha a fazê-lo revisitar. Em caso de manifestação desse ou de qualquer desconforto haverá o cuidado de interromper a atividade, tomando medidas de acolhimento e atenção, assim como adequações necessárias. Caso o pesquisador perceba situações que possam lhe causar algum dano, serão tomadas medidas de precaução e proteção através da discussão com os participantes sobre providências cabíveis que incluem o encerramento da pesquisa e notificação ao Comitê de Ética e Pesquisa (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19, Inciso 1).

Lembramos que é direito do participante solicitar indenização por dano decorrente da pesquisa através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406 de 2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 9º, Inciso VI).

Sobre os benefícios dessa pesquisa, busca-se contribuir para que os participantes reflitam sobre conceitos e pré-conceitos que estão enraizados na sociedade e que precisam ser analisados criticamente a fim de modificar o meio em que se vive.

Esclarecemos, ainda, que você e/ou seu responsável tem plena liberdade para decidir sobre sua participação, podendo retirar seu consentimento em qualquer momento da pesquisa, sem prejuízo algum (Resolução CNS 510 de 2016, Artigo 9º, Inciso II; Artigo 17, Inciso III).

Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente a professora-pesquisadora e seu orientador terão conhecimento de sua identidade e nos comprometemos a mantê-la em sigilo ao publicar os resultados dessa pesquisa.

A divulgação dos resultados da pesquisa serão garantidos a/aos participantes e seus responsáveis por meio de uma apresentação feita pela professora-pesquisadora em data estabelecida em comum acordo com a turma (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 17, Inciso VI), assim como publicados e/ou apresentados com fins acadêmicos e científicos em diferentes formatos (capítulo de livro, livro, artigos, resumos simples e expandido etc) e eventos (reuniões científicas, congressos, simpósios, encontros, rodas de diálogos e afins), respeitando o sigilo das informações coletadas.

Agradecemos antecipadamente a participação e a contribuição, apresentando nossos cordiais cumprimentos.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu, _____

_____ portador(a),

do RG _____, Responsável

pelo/a menor _____,

concordo quanto a sua participação na obtenção das informações para o desenvolvimento da pesquisa aqui apresentada. Autorizo a divulgação e publicação das informações prestadas exclusivamente para fins acadêmicos e científicos.

São Paulo, _____ de _____ de 2025.

_____	_____
Pesquisador Responsável	Responsável Legal

Pesquisadora responsável: **Aline Aparecida Santana da Silva**

Dados para contato: fone (11) 98272-9928; e-mail: aline.santana@unesp.br

Orientadora: **Prof.^a Dr.^a Andresa de Souza Ugaya**

Dados para contato: e-mail: andresa.ugaya@unesp.br

Contato do Comitê de Ética em Pesquisa

Endereço: Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01 - Vargem Limpa, CEP: 17033-360,

Bauru-SP Telefone: (14) 3103-9400; E-mail: cepesquisa@fc.unesp.br

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", UNESP-Bauru/ Faculdade de Ciências

APÊNDICE B - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO

FACULDADE DE CIÊNCIAS - Câmpus de Bauru

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)

Conselho Nacional de Saúde, Resolução 510/2016.

Prezado aluno(a),

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa científica intitulada “Generificação e Educação Física Escolar: diálogos sobre masculinidades”, conduzida pela professora-pesquisadora **Aline Aparecida Santana da Silva**, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. **Andresa de Souza Ugaya**, no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF), com financiamento da Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

A pesquisa tem como objetivo compreender como as atividades e conteúdos desenvolvidos nas aulas de Educação Física podem contribuir no caminho para a superação da ideia de que algumas práticas corporais são adequadas apenas para meninas ou apenas para meninos. Além disso, procura-se identificar as origens dessa ideia em nossa sociedade, chegando à discussão sobre o comportamento dos meninos durante as aulas e em como isso afeta o desenvolvimento das aprendizagens.

Justifica-se essa pesquisa pela necessidade de construção de ambientes inclusivos e acolhedores no espaço escolar, pensando em contribuir para que todos tenham acesso às diversas práticas corporais pertinentes à Educação Física Escolar.

A coleta de dados será realizada por meio de grupo focal, ou seja, momento de entrevista em grupo com foco no diálogo sobre o tema acima citado, para uso exclusivo da pesquisa. Você receberá uma via desse documento assinado por si (ou seu representante legal), pela pesquisadora e rubricada em todas as páginas por ambos (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 17, Inciso X) onde constam os dados da pesquisadora responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre o desenvolvimento do estudo a qualquer momento que julgar necessário.

Quanto à forma de acompanhamento e assistência, sua participação neste estudo acontece de forma voluntária, portanto não envolve nenhum tipo de pagamento, não havendo qualquer ressarcimento para os(as) participantes. Qualquer demanda que possa surgir por parte dos estudantes participantes ou da família será tratada diretamente pela pesquisadora, oferecendo respaldo e suporte necessário (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 17, Inciso V).

Sobre os riscos, nessa pesquisa você poderá, eventualmente, sentir-se emocionado com alguma memória ou vivência que o tema venha a fazê-lo revisitar. Em caso de manifestação desse ou de qualquer desconforto haverá o cuidado de interromper a atividade, tomando medidas de acolhimento e atenção, assim como adequações necessárias. Caso o pesquisador perceba situações que possam lhe causar algum dano, serão tomadas medidas de precaução e proteção através da discussão com os participantes sobre providências cabíveis que incluem o encerramento da pesquisa e notificação ao Comitê de Ética e Pesquisa (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19, Inciso 1).

Lembramos que é seu direito solicitar indenização por dano decorrente da pesquisa através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406 de 2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 9º, Inciso VI).

Sobre os benefícios dessa pesquisa, busca-se contribuir para que os participantes reflitam sobre conceitos e pré-conceitos que estão enraizados na sociedade e que precisam ser analisados criticamente a fim de modificar o meio em que se vive.

Esclarecemos, ainda, que você e/ou seu responsável tem plena liberdade para decidir sobre sua participação, podendo retirar seu consentimento em qualquer momento da pesquisa, sem prejuízo algum (Resolução CNS 510 de 2016, Artigo 9º, Inciso II; Artigo 17, Inciso III).

Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente a professora-pesquisadora e seu orientador terão conhecimento de sua identidade e nos comprometemos a mantê-la em sigilo ao publicar os resultados dessa pesquisa.

A divulgação dos resultados da pesquisa serão garantidos a/aos participantes e seus responsáveis por meio de uma apresentação feita pela professora-pesquisadora em data estabelecida em comum acordo com a turma (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 17, Inciso VI), assim como publicados e/ou apresentados com fins acadêmicos e científicos em diferentes formatos (capítulo de livro, livro, artigos, resumos simples e expandido etc) e eventos (reuniões científicas, congressos, simpósios, encontros, rodas de diálogos e afins), respeitando o sigilo das informações coletadas.

Agradecemos antecipadamente a participação e a contribuição e apresentamos nossos cordiais cumprimentos.

ASSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu, _____ portador (a), do CPF: _____ e do Registro Geral: _____, aceito participar da pesquisa “Generificação e Educação Física Escolar: diálogos sobre masculinidades”, concordo em participar na obtenção das informações para o desenvolvimento da pesquisa aqui apresentada. Autorizo a divulgação e publicação das informações prestadas exclusivamente para fins acadêmicos e científicos.

São Paulo, _____ de _____ de 2025.

Pesquisador Responsável

Participante de Pesquisa

Pesquisadora responsável: **Aline Aparecida Santana da Silva**

Dados para contato: fone (11) 98272-9928; e-mail: aline.santana@unesp.br

Orientadora: **Prof.ª Dr.ª Andresa de Souza Ugaya**

Dados para contato: e-mail: andresa.ugaya@unesp.br

Contato do Comitê de Ética em Pesquisa

Endereço: Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01 - Vargem Limpa, CEP: 17033-360, Bauru-SP

Telefone: (14) 3103-9400; E-mail: cepesquisa@fc.unesp.br

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP-Bauru/ Faculdade de Ciências

APÊNDICE C - Termo de Autorização de Uso de Imagem e Voz - Responsável
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO

FACULDADE DE CIÊNCIAS - Câmpus de Bauru

Termo de Autorização de Uso de Imagem e Voz

Termo de Autorização de Uso de Imagem e Voz

Seu filho(a) _____, está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada: “Generificação e Educação Física Escolar: diálogos sobre masculinidades”. O objetivo dessa pesquisa é compreender como as atividades e conteúdos desenvolvidos nas aulas de Educação Física podem contribuir no caminho para a superação da ideia de que algumas práticas corporais são adequadas apenas para meninas ou apenas para meninos. Além disso, procura-se identificar as origens dessa ideia em nossa sociedade, chegando à discussão sobre o comportamento dos meninos durante as aulas e em como isso afeta o desenvolvimento das aprendizagens.

Serão capturados áudios e vídeos que servirão como dados para análise posterior da pesquisadora, assim como para o desenvolvimento do produto educacional da pesquisa no Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF).

Os dados serão coletados na escola durante um horário previamente agendado. Portanto, os dados de imagem e voz serão utilizados para fins científicos e para que outros/outras professores/as e demais interessados(as) possam assistir.

Sobre os riscos, nessa pesquisa o participante poderá, eventualmente, sentir-se emocionado com alguma memória ou vivência que o tema venha a fazê-lo revisitar. Em caso de manifestação desse ou de qualquer desconforto haverá o cuidado de interromper a atividade, tomando medidas de acolhimento e atenção, assim como adequações necessárias. Caso o pesquisador perceba situações que possam lhe causar algum dano, serão tomadas medidas de precaução e proteção através da discussão com os participantes sobre providências cabíveis que incluem o encerramento da pesquisa e notificação ao Comitê de Ética e Pesquisa (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19, Inciso 1).

Lembramos que é direito do participante solicitar indenização por dano decorrente da pesquisa através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406 de 2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 9º, Inciso VI).

Sobre os benefícios dessa pesquisa, busca-se contribuir para que os participantes reflitam sobre conceitos e pré-conceitos que estão enraizados na sociedade e que precisam ser analisados criticamente a fim de modificar o meio em que se vive.

Esclarecemos, ainda, que o(a) participante e/ou seu responsável tem plena liberdade para decidir sobre sua participação, podendo retirar seu consentimento em qualquer momento da pesquisa, sem prejuízo algum (Resolução CNS 510 de 2016, Artigo 9º, Inciso II; Artigo 17, Inciso III).

Em caso de desconforto ou dúvidas relacionadas à pesquisa, pedimos que entre em contato pessoalmente com a professora/pesquisadora Aline Aparecida Santana da

Silva, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Andresa de Souza Ugaya, ou pelo telefone (11) 98168-3252.

AUTORIZAÇÃO PÓS-INFORMADO

Eu, _____,

CPF: _____, RG: _____, residente e domiciliado/a à Av/Rua _____, na cidade de:

_____ AUTORIZO, através do presente termo, a utilização da imagem e voz (fotos, vídeos e áudios) do/a meu/minha filho/a _____ nesta pesquisa e tenho ciência que a imagem e voz serão utilizadas para fins científicos e acadêmicos (dissertação, produto educacional, livros, artigos, slides, vídeos, redes sociais) para a área da Educação, em especial, para a Educação Física escolar.

() Sim, autorizo a divulgação de imagem e/ou voz.

() Não, não autorizo a divulgação de imagem e/ou voz.

São Paulo, _____ de _____ de 2025.

Pesquisadora responsável

Responsável Legal

Pesquisadora responsável: Aline Aparecida Santana da Silva

Dados para contato: Telefone (11) 98272-9928; e-mail: aline.santana@unesp.br

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Andresa de Souza Ugaya

Dados para contato: e-mail: andresa.ugaya@unesp.br

Contato do Comitê de Ética em Pesquisa

Endereço: Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01 - Vargem Limpa, CEP: 17033-360, Bauru-SP

Telefone: (14) 3103-9400; E-mail: cepesquisa@fc.unesp.br

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Faculdade de Ciências/campus Bauru

**APÊNDICE D - Termo de Autorização de Uso de Imagem e Voz - Participante
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO**

FACULDADE DE CIÊNCIAS - Câmpus de Bauru

Termo de Autorização de Uso de Imagem e Voz

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada: “Generificação e Educação Física Escolar: diálogos sobre masculinidades”. O objetivo dessa pesquisa é compreender como as atividades e conteúdos desenvolvidos nas aulas de Educação Física podem contribuir no caminho para a superação da ideia de que algumas práticas corporais são adequadas apenas para meninas ou apenas para meninos. Além disso, procura-se identificar as origens dessa ideia em nossa sociedade, chegando à discussão sobre o comportamento dos meninos durante as aulas e em como isso afeta o desenvolvimento das aprendizagens.

Serão capturados áudios e vídeos que servirão como dados para análise posterior da pesquisadora, assim como para o desenvolvimento do produto educacional da pesquisa no Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF).

Os dados serão coletados na escola durante um horário previamente agendado. Portanto, a sua imagem e a sua voz serão utilizados para fins científicos e para que outros/outras professores/as e demais interessados(as) possam assistir.

Sobre os riscos, nessa pesquisa você poderá, eventualmente, sentir-se emocionado com alguma memória ou vivência que o tema venha a fazê-lo revisitar. Em caso de manifestação desse ou de qualquer desconforto haverá o cuidado de interromper a atividade, tomando medidas de acolhimento e atenção, assim como adequações necessárias. Caso o pesquisador perceba situações que possam lhe causar algum dano, serão tomadas medidas de precaução e proteção através da discussão com os participantes sobre providências cabíveis que incluem o encerramento da pesquisa e notificação ao Comitê de Ética e Pesquisa (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19, Inciso 1).

Lembramos que é seu direito solicitar indenização por dano decorrente da pesquisa através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406 de 2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 9º, Inciso VI).

Sobre os benefícios dessa pesquisa, busca-se contribuir para que os participantes reflitam sobre conceitos e pré-conceitos que estão enraizados na sociedade e que precisam ser analisados criticamente a fim de modificar o meio em que se vive.

Esclarecemos, ainda, que você e/ou seu responsável tem plena liberdade para decidir sobre sua participação, podendo retirar seu consentimento em qualquer momento da pesquisa, sem prejuízo algum (Resolução CNS 510 de 2016, Artigo 9º, Inciso II; Artigo 17, Inciso III).

Em caso de desconforto ou dúvidas relacionadas à pesquisa, pedimos que entre em contato pessoalmente com a professora-pesquisadora Aline Aparecida Santana

da Silva ou com sua orientadora Dr^a. Andresa de Souza Ugaya pelo e-mail: andresa.ugaya@unesp.br.

AUTORIZAÇÃO PÓS-INFORMADO

Eu, _____,
CPF: _____, RG: _____, residente e
domiciliado/a
à
Av/Rua _____ Cidade:

_____, AUTORIZO, através do presente termo, a utilização da
minha imagem e voz (fotos, vídeos e áudios) nesta pesquisa e tenho ciência que a
minha imagem e voz serão utilizadas para fins científicos e acadêmicos (dissertação,
produto educacional, livros, artigos, slides, vídeos, redes sociais) para a área da
Educação, em especial, para a Educação Física Escolar.

() Sim, autorizo a divulgação da minha imagem e/ou voz.

() Não, não autorizo a divulgação da minha imagem e/ou voz.

São Paulo, _____ de _____ de 2025.

Pesquisadora responsável

Participante da pesquisa

Pesquisadora responsável: Aline Aparecida Santana da Silva

Dados para contato: Telefone (11) 98272-9928; e-mail: aline.santana@unesp.br

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Andresa de Souza Ugaya

Dados para contato: e-mail: andresa.ugaya@unesp.br

Contato do Comitê de Ética em Pesquisa

Endereço: Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01 - Vargem Limpa, CEP: 17033-360,
Bauru-SP

Telefone: (14) 3103-9400; E-mail: cepesquisa@fc.unesp.br

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Faculdade de Ciências/campus
Bauru

APÊNDICE E - Roteiro de Entrevista do Grupo Focal

ROTEIRO GRUPO FOCAL - 1º ENCONTRO

GRUPO 1

LOCAL: SALA DE INFORMÁTICA

DATA: 7/4/2025

HORÁRIO DE INÍCIO: 13H30

HORÁRIO DE TÉRMINO: 15H00

MODERADORA: JULIANA ÁVILA

OBSERVADORA: ALINE SANTANA

PARTICIPANTES: CAROLANA, ZICO, ROSAMARIA, ALICE, O CAÇADOR E KAKÁ.

GRUPO 2

LOCAL: SALA DE INFORMÁTICA

DATA: 8/4/2025

HORÁRIO DE INÍCIO: 13H30

HORÁRIO DE TÉRMINO: 15H00

MODERADORA: JULIANA ÁVILA

OBSERVADORA: ALINE SANTANA

PARTICIPANTES: CAPIVARA, RONALDINHO, DAYGROCK, SIMBA, HINATA E SUAREZ.

TEXTO DE RECEPÇÃO

Agradeço a todos e todas que aceitaram participar dessa pesquisa, que é muito importante para garantir que a educação pública avance em sua qualidade, assim como as aulas de Educação Física.

Dialogar sobre generificação com ênfase em masculinidades significa refletir e construir referências positivas para crianças e adolescentes, seguindo um caminho que nos leva a relações mais saudáveis, diversas e humanas. Dessa forma conseguiremos questionar “o que é ser homem” na sociedade em que vivemos.

No encontro de hoje irei observar o diálogo de vocês, mediado pela professora Juliana que nos auxiliará nesse processo. Vale lembrar que esse é um espaço em que vocês devem sentir-se à vontade para expressar suas opiniões, sem julgamentos e sem forma certa ou errada de pensar sobre o tema.

Agora iniciaremos nossa reunião de grupo focal.

Perguntas-chave

- 1) Generificação.
 - Você conhece a palavra “Generificação”?
 - Se já ouviu, qual ideia você tem sobre isso?
 - Se não ouviu, sobre o que você acha que essa palavra pode estar conectada?
 - E “gênero”?
 - Se já ouviu, qual ideia você tem sobre isso?

- Se não ouviu, sobre o que você acha que essa palavra pode estar conectada?

2) Masculinidades.

- Você conhece a palavra "feminilidade"?
- Você conhece a palavra "masculinidade"?
- Você acredita que existe um jeito certo de ser homem? Se sim, podem descrever esse jeito? E por que acham isso? Se não, por que pensam que não existe esse jeito certo?
- Existe um modelo de homem a ser seguido? Qual é esse modelo?
- Vocês acham que há uma tendência dos meninos, em geral, quererem atender a esse modelo de homem? Por que?
- Geralmente, quais são as características do comportamento dos meninos "padrão"?
- Os meninos são pressionados a ter certos comportamentos ou gostar de certas coisas? Que comportamentos são esses e quais são as coisas consideradas certas?
- E quando um menino não gosta de fazer o que os meninos padrão gostam? O que acontece com os outros meninos?
- Como o comportamento dos meninos padrão afetam as meninas e meninos?
- As meninas expressam comportamentos ditos masculinos? Se sim, quais são as características desses comportamentos?
- Como essas meninas são "lidas" (o que é pensado/falado sobre elas)?
- O que seria um homem idealizado pela sociedade (fisicamente, moralmente, comportamentalmente)? Você se encaixa nessa ideia?
- Quem lidera a sociedade? Qual o tipo de homem que está no topo?
- E na periferia, qual homem lidera?

3) Veículos que comunicam a generificação.

- Você acredita que existem padrões de comportamento próprios para meninos e outros próprios para meninas?
- De onde vem a ideia do que é comportamento próprios de meninas e comportamento próprios de meninos? Onde aprendemos sobre isso?
- Quem diz como devemos ser?

4) Educação Física e Generificação.

- Você acredita que existem práticas corporais (esportes, jogos, brincadeiras, danças, lutas, ginástica) próprias para meninos e outras próprias para meninas?
- Quando falamos da relação entre meninos e meninas nas práticas corporais (esportes, jogos, brincadeiras, danças, lutas, ginástica) podemos dizer que é equilibrada/justa? Ambos têm as mesmas oportunidades?



- Você acha que as vontades e opiniões no espaço escolar são aceitas da mesma forma para meninos e meninas? Quem geralmente consegue liderar esses momentos?
- Na sala de aula, alguém lidera? Porque?
- Descreva suas sensações quando:
Vou praticar uma atividade junto com as meninas
Vou praticar uma atividade junto com os meninos

TEXTO DE ENCERRAMENTO

Agradecemos pela colaboração de todas as pessoas presentes, esperamos que a conversa e a troca de informações de hoje sirvam para que vocês possam pensar sobre a generificação e os vários tipos de masculinidades existentes. Obrigada!

APÊNDICE F - Roteiro de entrevista do produto final

RECURSO DE DISSERTAÇÃO

Diversidade e masculinidades: quebrando preconceitos.

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Dia: 9/5/2025.

Local: sala de informática.

Apresentador/Moderador: Caçador.

Participantes em cena: Simba, Carolana, Rosamaria, Hinata, Mariazinha e Capivara.

Participantes responsáveis pela captação de imagem e som: Alice, Kaká, Ronaldinho, Gayrock, Zico e Suárez.

Entrevistado: Marcelo Covelli.

Orientação: pesquisadora - aline santana

MEDIADOR/APRESENTADOR: Boa Tarde! Eu sou o Caçador e hoje serei o mediador da entrevista. Usaremos codinomes para preservar nossa identidade.

- Estamos produzindo o produto final da pesquisa intitulada "Generificação e Educação Física Escolar - Diálogo Sobre Masculinidades" - pré-requisito para a obtenção do título de mestre da nossa professora de Educação Física, Aline Santana.

- Aqui comigo, estão meus colegas : Simba, Carolana, Rosamaria, Hinata, Mariazinha E Capivara.

- Nós estudamos na Emef Jardim Damasceno I, no 8º ano A. Juntos faremos um excelente trabalho.

- O nosso entrevistado é o professor de Educação Física Marcelo Covelli. Ele tem 38 anos, mora na cidade de Guarulhos, se identifica como homem, negro, periférico e homossexual. É ex-jogador de Vôlei e Handebol. Trabalha aqui na escola desde 2018 e atualmente ocupa o cargo de assistente de direção.

-Em nome da nossa turma, lhe agradeço por aceitar nosso convite, estamos honrados em recebê-lo.

- Vamos começar a nossa entrevista, por favor, Carolana pode fazer suas perguntas.

Boa tarde! Meu nome é Carolana.

- Quais são seus hábitos de cuidados com o corpo? (fazer as unhas, ir ao cabeleireiro).
- Você consome muitos cosméticos?
- Você se sente à vontade em usar roupas justas? já foi julgado por isso?

- Você usa roupas que a sociedade entende serem femininas? (cores, modelos...)
 - Você acha que existe um padrão físico para os homens?
-

Caçador: agora Rosamaria seguirá com as perguntas.

Boa tarde! Meu nome é Rosamaria.

- Você concorda com a generificação no esporte e na sociedade? Existem práticas somente para homens e somente para mulheres?
 - A generificação afeta as aulas de educação física escolar?
 - Como você acha que a sociedade poderia se posicionar em relação a generificação?
 - De onde você acredita que vem essa influência do que pode ou não ser feito?
-

Caçador: agora o Hinata seguirá com as perguntas.

Boa tarde! Meu nome é Hinata.

- Quando você entendeu ser homossexual? Como foi sua jornada até aqui? Quem te apoiou?
 - Como é a sua relação com a família?
 - Você já sofreu homofobia?
 - Você já pensou em seguir outro caminho por conta do preconceito?
-

Caçador: agora a Simba seguirá com as perguntas.

Boa tarde! Meu nome é Simba.

- Como é ser um homem negro, periférico e homossexual na sociedade?
- Cobra-se mais do homem negro?
- Você demonstra sentimentos sem ser julgado? Você costuma compartilhar segredos e ideias com outras pessoas?
- Existem atitudes corretas que um homem deve seguir? comportamentos masculinos?

- Boa tarde! Meu nome é capivara.
- Como é ser um homem gay, dentro dos ambientes esportivos?
- Você já pensou em desistir do esporte por conta da homofobia?
- Você já apoiou alguém que sofreu homofobia?

- Boa tarde! Meu nome é Mariazinha.
- Você acredita que a sociedade mudou, da sua infância pra cá?
- Qual seu conselho para alguém que um dia se entenda homossexual?
- Como a sociedade pode ser mais acolhedora com a comunidade lgbtqiap+?

Obrigado!

ANEXO 1 - PARECER CONSUBSTANCIADO

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: GENERIFICAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: diálogos sobre masculinidades

Pesquisador: ALINE APARECIDA SANTANA DA SILVA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 85260024.7.0000.5398

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.485.494

Apresentação do Projeto:

As informações descritas nos campos *Apresentação do Projeto*, *Objetivo da Pesquisa* e *Avaliação dos Riscos e Benefícios* foram retiradas dos documentos e arquivo - Informações Básicas da Pesquisa com data de 09/03/2025.

RESUMO

Este Projeto de Pesquisa vinculado ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF) da UNESP, tem como objetivo geral compreender se uma práxis pedagógica centrada no debate sobre masculinidades altera a generificação na Educação Física Escolar. O estudo será realizado com estudantes matriculados no ciclo aural (7º, 8º e 9º ano) de uma escola municipal da cidade de São Paulo. Pretendese elucidar as questões norteadoras da pesquisa: Como se dá a construção da generificação na área da Educação Física Escolar? Quais são as instituições e os veículos midiáticos que comunicam a generificação na área da Educação Física Escolar e da educação do corpo? A ideia de masculinidades interfere nas práticas corporais do grupo de estudantes? Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, utilizando o método pesquisa participante e a técnica de grupo focal para coleta de dados. As informações geradas a partir do grupo focal serão gravadas em áudio e em vídeo e, posteriormente, transcritos. As informações serão submetidas à análise de dados através da análise temática a partir da proposta de Braun e Clarke (2006). Como produto, pretende-se

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 - Prédio Administrativo da Faculdade de Ciências - anexa à
Bairro: CENTRO **CEP:** 17.033-360
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)3103-8070 **Fax:** (14)3103-9400 **E-mail:** cepesquisa.fc@unesp.br

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



Continuação do Parecer: 7.485.434

estruturar e desenvolver o projeto de um programa de entrevistas inspirado no Roda Vida da TV Cultura tendo como objetivo trazer pessoas especializadas para o debate sobre masculinidades. Com essa pesquisa espera-se contribuir com a amplitude do debate e desenvolvimento de práticas pedagógicas sobre generificação na Educação Física Escolar, com ênfase nos estudos sobre as construções das masculinidades

Metodologia Proposta:

Universo da pesquisa: Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que utilizará a pesquisa participante como método. O público participante dessa pesquisa serão estudantes matriculados no 7º, 8º e no 9º ano do ciclo autoral da EMEF Jardim Damasceno I, uma escola municipal inaugurada em 2008, localizada no distrito da Brasilândia na zona norte do município de São Paulo. Atualmente a unidade tem 11 salas de aula com 676 alunos matriculados e divididos entre os períodos matutino e vespertino. Essa escola pertence à Diretoria Regional de Ensino Freguesia do Ó/Brasilândia, responsável por 96 escolas que oferecem o Ensino Infantil, Fundamental I, Fundamental II e Ensino Médio. A escolha pelo público acima citado deuse pelos diversos conflitos observados e relatados, por eles próprios, com relação à generificação de atividades e comportamentos. Além disso, a pesquisadora acompanha a trajetória dos estudantes desde o primeiro ano do ensino fundamental I, quando ingressaram na escola.

Materiais e métodos: Para desenvolver a pesquisa participante foi escolhida a técnica de grupo focal, com gravações de áudio e vídeo. Tal técnica é utilizada em pesquisas qualitativas, através da formação de pequenos grupos que se reúnem para discutir sobre um determinado assunto, produto ou serviço. Geralmente indica-se um número entre seis a dez pessoas, visando a qualidade das interações entre os participantes e consequentemente melhor gerenciamento do pesquisador, assim como a coleta de dados (Dias, 2000, p. 3). Será proposto uma reunião de grupo focal para iniciar a pesquisa, nesse momento os objetivos serão de apresentar o tema da pesquisa e observar os alicerces da generificação no ambiente escolar e a partir disso como as masculinidades são construídas. Diante das interações dos estudantes, os pontos-chave dos diálogos serão identificados e registrados. Se houver necessidade será feito mais de um grupo focal, otimizando o gerenciamento das práticas. Após essa primeira etapa, os principais pontos-chave se tornarão temas que nortearão seis encontros pedagógicos onde os estudantes irão aprofundar conhecimento. Serão incluídos como estratégia pedagógica vídeos, textos e relatos que leve a imersão do assunto que será tratado. Na última etapa será realizada a segunda reunião de grupo focal com o mesmo objetivo da primeira reunião, porém

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 - Prédio Administrativo da Faculdade de Ciências - anexa à
Bairro: CENTRO **CEP:** 17.033-360
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)3103-6070 **Fax:** (14)3103-9400 **E-mail:** oepesquisa.fc@unesp.br

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



Continuação do Parecer: 7.485.494

nesse momento os estudantes contarão com a ampliação do capital cultural adquirido durante os encontros pedagógicos. Será entregue um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Autorização de Uso de Imagem e Voz, para que seja assinado e devolvido com o propósito de oficializar a participação do aluno.

País de origem do estudo: Brasil

Tamanho da Amostra: 20

Haverá uso de fontes secundárias de dados (prontuários, dados demográficos, etc)? Não

Objetivo da Pesquisa:

Compreender se uma práxis pedagógica centrada no debate sobre masculinidades altera a generificação na Educação Física Escolar

Objetivos Secundários:

Investigar como se dá a construção da generificação na área da Educação Física Escolar;

Identificar quais são as instituições e os veículos midiáticos que comunicam a generificação na área da Educação Física Escolar e da educação do corpo;

Compreender se a ideia de masculinidades interfere nas práticas corporais do grupo de estudantes

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Sobre os riscos, nessa pesquisa o participante poderá, eventualmente, sentir-se emocionado com alguma memória ou vivência que o tema venha a fazê-lo revisitar. Em caso de manifestação desse ou de qualquer desconforto haverá o cuidado de interromper a atividade tomando medidas de acolhimento e atenção, assim como adequações necessárias. Caso o pesquisador perceba situações que possam lhe causar algum dano, serão tomadas medidas de precaução e proteção através da discussão com os participantes sobre providências cabíveis que incluem o encerramento da pesquisa e notificação ao Comitê de Ética e Pesquisa (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19, Inciso 1).

Benefícios:

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 - Prédio Administrativo da Faculdade de Ciências - anexa à
Bairro: CENTRO CEP: 17.033-360
UF: SP Município: BAURU
Telefone: (14)3103-6070 Fax: (14)3103-9400 E-mail: cepsquisa.fc@unesp.br

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



Continuação do Parecer: 7.485.494

Sobre os benefícios dessa pesquisa, busca-se contribuir para que os participantes reflitam sobre conceitos e pré-conceitos que estão enraizados na sociedade e que precisam ser analisados criticamente a fim de modificar o meio em que se vive.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de pesquisa qualitativa, participante com grupo focal de estudantes do ensino fundamental anos finais. Prevê coleta por meio de gravações em áudio e vídeo que serão transcritos e receberão análise temática.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos obrigatórios foram apresentados.

Recomendações:

Ver em Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto 2ª Passagem: As Pendências foram resolvidas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto considerado aprovado, por estar em conformidade com os parâmetros legais, metodológicos e éticos analisados pelo colegiado deste CEP - Comitê de Ética em Pesquisa.

Lembramos que é dever do pesquisador responsável, ao término da pesquisa e conforme o cronograma informado à Plataforma Brasil, apresentar o relatório final da mesma.

Ressalta-se que o estudo poderá ser iniciado somente a partir da aprovação pelo Sistema CEP/Conep (Norma Operacional CNS nº 001 de 2013, item 3.3.f).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2342585.pdf	09/03/2025 23:01:05		Aceito
Outros	Carta_Justificativa__281_29_assinado_assinado.pdf	09/03/2025 22:57:46	ALINE APARECIDA SANTANA DA SILVA	Aceito
Cronograma	Cronograma_Detalhado.pdf	09/03/2025 22:57:16	ALINE APARECIDA SANTANA DA	Aceito

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 - Prédio Administrativo da Faculdade de Ciências - anexa à
Bairro: CENTRO CEP: 17.033-360
UF: SP Município: BAURU
Telefone: (14)3103-8070 Fax: (14)3103-9400 E-mail: cepesquisa.fc@unesp.br

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



Continuação do Parecer: 7.485.494

Cronograma	Cronograma_Detalhado.pdf	09/03/2025 22:57:16	SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_PARTICIPANTE.pdf	09/03/2025 22:56:23	ALINE APARECIDA SANTANA DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TAUVI_responsavel.pdf	09/03/2025 22:23:12	ALINE APARECIDA SANTANA DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TAUIV_participante.pdf	09/03/2025 22:23:00	ALINE APARECIDA SANTANA DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_RESPONSAVEL.pdf	09/03/2025 22:20:42	ALINE APARECIDA SANTANA DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_1_assinado.pdf	26/11/2024 11:40:14	ALINE APARECIDA SANTANA DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Pesquisa_AlineAparecidaSanta nadaSilva.pdf	22/11/2024 20:06:48	ALINE APARECIDA SANTANA DA SILVA	Aceito
Outros	ALINE_SANTANA_CARTA_DE_ANUEN CIA_assinado.pdf	22/11/2024 20:05:54	ALINE APARECIDA SANTANA DA SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BAURU, 03 de Abril de 2025

Assinado por:
Cassiano Merussi Neiva
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 - Prédio Administrativo da Faculdade de Ciências - anexa à
Bairro: CENTRO CEP: 17.033-360
UF: SP Município: BAURU
Telefone: (14)3103-8070 Fax: (14)3103-9400 E-mail: cepsquisa.fo@unesp.br